

UM PUNHADO DE ESTUDANTES

interessados em “cultura brasileira” nos Estados Unidos. Artistas e intelectuais de diferentes países reunidos na Itália por uma Fundação. Dezenas de refugiados do pós-11 de setembro, afgãos, palestinos, hindus, africanos, acampados no Brasil.

O *campus* de Berkeley. As montanhas de picos nevados em torno do lago di Como em Bellagio. O Guaíba e as ruas pulsantes de Porto Alegre...

Desses elementos reais, entrelaçados por uma prosa mosaica e poética, partem o vóo, o sonho, a errância e o gozo, as lágrimas e o suor do protagonista de *Berkeley em Bellagio*.

O título desta narrativa de João Gilberto Noll remete ao bispo e filósofo irlandês George Berkeley (1685-1753), para quem o conhecimento repousa na sensação.

E é justamente ao degraú mais profundo das experiências absorvidas em carne e sangue — mas também por interrogações cerebrais —, que o estilo labiríntico de Noll nos lança, instados que somos, por seu texto, a compartilhar o limite turvo entre o vivido e o fantasiado. Um pianista a exercitar-se com

Liszt numa cabana, no meio da floresta. O encontro tão fugaz quanto avído, selvagem, atrás de uma cortina.

JOÃO GILBERTO NOLL

Berkeley em Bellagio



COMPRA VENDA E TROCA

LIVROS, REVISTA

GIBIS, CDS

VHS E DVD

RUA XV DE NOVENBRO, 364

FONE (42) 3028-5462

(42) 99967-7970

E-mail: seboespacocultural2@hotmail.com

www.seboespacocultural.com.br

PONTA GROSSA - PR



UM PUNHADO DE ESTUDANTES

interessados em “cultura brasileira” nos Estados Unidos. Artistas e intelectuais de diferentes países reunidos na Itália por uma Fundação. Dezenas de refugiados do pós-11 de setembro, afegãos, palestinos, hindus, africanos, acampados no Brasil. *O campus de Berkeley*. As montanhas de picos nevados em torno do lago di Como em Bellagio. O Guaíba e as ruas pulsantes de Porto Alegre...

Desses elementos reais, entrelaçados por uma prosa mosaica e poética, partem o voo, o sonho, a errância e o gozo, as lágrimas e o suor do protagonista de *Berkeley em Bellagio*.

O título desta narrativa de João Gilberto Noll remete ao bispo e filósofo irlandês George Berkeley (1685-1753), para quem o conhecimento repousa na sensação.

E é justamente ao degraar mais profundo das experiências absorvidas em carne e sangue — mas também por interrogações cerebrais —, que o estilo labiríntico de Noll nos lança, instados que somos, por seu texto, a compartilhar o limite turvo entre o vivido e o fantasiado. Um pianista a exercitar-se com

Liszt numa cabana, no meio da floresta. O encontro tão fugaz quanto avido, selvagem, atrás de uma cortina.

JOÃO GILBERTO NOLL

Berkeley em Bellagio



COMPRA VENDA E TROCA

LIVROS, REVISTA

GIBIS, CDS

VHS E DVD

RUA XV DE NOVENBRO, 364

FONE (42) 3028-5462

(42) 99967-7970

E-mail: saboespacocultural2@hotmail.com

www.saboespacocultural.com.br

PONTA GROSSA - PR



© João Gilberto Noll, 2002, - jignoll@paginadacultura.com.br
representado pela Página da Cultura -
paginadacultura@pobox.com

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2556-7824 - Fax: (21) 2556-3322
www.objetiva.com.br

Capa
Victor Burton

Revisão
Antônio dos Prazeres
Tereza da Rocha

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.

2002

N793b

Noll, João Gilberto
Berkeley em Bellegio / João Gilberto Noll. - Rio de Janeiro:
Objetiva, 2002

103 p.

ISBN 85-7302-476-3

1. Literatura brasileira I. Título

CDD B869.3

para Paulo Radici, Joel Conarroe

André e Cíntia, Gustavo Ventura Gomes
Daniel Balderston, Alice Adams, William Gordy
Roxanna Carrillo, Charlotte Bunch
Luiz Sérgio Torres, Eduardo Veras
Harriet e Sheldon Segal, David Claman
Susie, Fabio, Angela, Simone e Andressa
Marcelino Freire, Eduardo Sterzi
André Fernando Biehl, Ronaldo Bressane
Cris Gutkoski, Luiz Achutti e Susan E. Garfield

à cidade de Porto Alegre

“Ainda que não me lembre, legarei memória.” (Sexta Elegia)

“A morada em que nasci me habita.” (Nona Elegia)

Fabício Carpinçar

E

le não falava inglês. Quando deu seu primeiro passeio pelo *campus* de Berkeley, viu não estar motivado. Saberria voltar atrás?

Não se arrependeria ao ter de mendigar de novo em seu país de origem? Fingir que não pedia pedindo refeições, ou a casa de veraneio de um amigo em pleno inverno para escrever um novo livro — ah, quando os pingüins chegam à costa daquele extremo sul do Brasil, o vento passa destelhando e uma voz noturna chama, chama pelo desaparecido infante... Ele não falava inglês e se perguntava se algum dia arranjaria disposição para aprender mais uma língua além do seu português viciado, com cujas palavras já não conseguia dizer metade do que alcançava até tempos atrás, antes de ficar assim meio esquecido depois da queda à porta do banheiro, sem o tempo de gritar por Léo, o homem a quem costumava chamar de namorado mas que lhe era bem mais, um parceiro de cuja ardência ainda lhe vinham certos laivos: um fluido indeciso, de repente inundando-o todo, sumindo de repente, sempre es-

corregando de sua própria mão que pretendia por vezes segui-lo, tocá-lo, fechá-lo entre os dedos — prendê-lo na boca... É ele então o sorvia novamente, recomençava o jogo, agora num bosque quase impermeável àquela tarde com mais azul do que um ensimesmado podia suportar... Esse homem caminhava pelo *campus* da Universidade, sim, em Berkeley, naquela Califórnia gelada muito embora ensolarada — e, por um segundo, como quem acorda, lhe acendeu a dúvida se estava ali chegando do Brasil, ou, ao contrário, se já estava voltando ao Sul do planeta, para aquela falta de trabalho ou de aceno de qualquer coisa que lhe restituisse a prática do convívio em volta de uma refeição, sob um endereço seguro — “ah, esse país, esse país, pois é, deixa pra lá, deixa pra lá que agora vou mijar”, ruminou na sua entoação secreta, aquela sim que nunca soubera levar aos lábios por timidez ou covardia... Em vez de mijar, desapertou o cinto, assim, sem nenhuma necessidade que não fosse a de deixar alguma coisa andar. E se lhe viesse uma risada que pudesse por si só responder a tudo o que ele não sabia perguntar (e que parecia prendê-lo no mesmo lugar)? Mas, não, agora se coçava todo, na certa esconjurando uma espécie de dúvida que nunca quis largá-lo — porra, ele dizia, porra, mas porra para o quê ou quem? Falava com o Brasil ou com aquela porção sombria de natureza a lhe servir então como uma espécie de refúgio contra a língua inglesa? Por ali poucos estudantes passavam, a não ser um ou outro, talvez à procura também daquele ponto para um rito de retiro, mesmo que insólito, em constante ameaça de invasores. Quando caiu junto à porta do banheiro, Léo

socorreu-o num instante e sua força era tanta que ele, que caminhava agora pelo *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley, preferiu parar para ter certeza de que nenhum mal-estar lhe ocorreria enquanto estivesse numa terra estranha sem falar a língua do lugar. Claro, sabia pedir um sanduíche, uma coca, algo assim, mas no mais falava com seus alunos de cultura brasileira em português, ia a reuniões na casa de alguns deles que estavam sempre a tirar fotos do seu porte ainda convicto, rodeado pelos gatos e gatas seus alunos, garotada americana, asiática, mexicana... Todos queriam saber sempre mais a respeito de Caetano, e vinham de fins de semana em Los Angeles com autógrafos de camarim do baiano que acreditava ter-me lido em algum livro do qual não lembrava o nome: lhe ocorria, sim, vagamente, uma cena que um aluno tentava relatar pelos corredores do Dwinelle Hall ao fim de uma aula, num estrepitoso português por onde se via sua língua toda em ínfimas cavidades, pequenas erosões. Ele caminhava entre esquilos pelo *campus* de Berkeley e pensou que não adiantava se lembrar de quase nada: precisava mesmo era ir à ação, falar inglês, testemunhar nessa língua a todos que pudessem se interessar por sua vida. Quase ninguém naquela terra, era verdade, não podia negar — mas com o passado dos verbos irregulares e expressões idiomáticas nos lábios, teria mais chances de protagonizar histórias, optar por viver definitivamente naquele país com um bom salário de professor de cultura brasileira... Aposentado no futuro iria duas, três vezes ao Brasil a cada ano, traria de lá um garoto bronzado de Copacabana, sempre existiriam garotos bron-

zeados de Copacabana prontos para ir aos States com um homem maduro; esse garoto poderia vir a ser seu secretário bilingüe, salário que faria o rapaz esquecer a pobreza; ele já seria então bem mais, seria sim seu assessor, seu amante, santo, se não fosse aquele que o mataria ao final, durante o sono, sem que ele jamais viesse a saber —, rívido, frio como aquela pedra à beira do riacho que corria manso pelo bosque de Berkeley, apenas mais uma presença natural entre tantas que, em repouso, pareciam a tudo ignorar. A parte invisível da floresta, no entanto, vagava sem origem ou destino: ele via a poeira dentro de um facho de sol entre as árvores: a agitação ali não parecia ter desfecho, não se assentava em nada, em lunática ebulição. E esse cara, um homem, se cansava antes da hora? À primeira vista nada saía do lugar, ele próprio parecia estagnado desde que viera para um país do qual não falava a língua, mantendo uma distância gentil de seus alunos... Mas, ora, também eles com o inglês disponível e tudo que todos pareciam possuir em volta, ninguém no fundo dava a impressão de estar em gozo com a vida, aquela coisa que aquece: o tato no segredo de um outro, e este a relutar um pouco para ter em dobro logo mais... De súbito, descia-lhe a ilusão de uma orgia intimista e conclusiva que o brindaria transportando-o para fora daquele *campus*, daquele país, do mundo até quem sabe... Quanta exultação seria capaz de suportar? Ele precisava mesmo era correr atrás do que o manteria inteiro, ou então que caísse novamente à porta do banheiro vítima de um aneurisma nada comprovado, e sem ter Léo para ajudá-lo, levá-lo até o pronto-socorro

mais próximo e se encarregar dele pelo resto de uma relação já a ponto de apagar. De fato, aquela assistência de Léo ao seu corpo temporariamente combatido era uma despedida despedida. Depois, aqueles dois não se tocariam mais. De uma noite para outra, um não decifraria mais os sinais pela pele do outro, seriam corpos distantes, memórias mútuas cada vez mais nebulosas; um belo dia só duas plumas na aragem e, num golpe, aproveitando para sumir num pé-de-vento... Enquanto andava pelo *campus* apareceu-lhe Maria, a moça brasileira com quem vivera um caso logo ao chegar à Califórnia. Uma antropóloga que começava um curso sobre o que os amigos hispano-americanos chamavam de Escuela de las Americas, um instituto norte-americano, algo assim, se não me engano no Estado da Geórgia, formando militares e ditadores para a América Latina, como, por exemplo, o argentino Gualtieri... Maria estava magra, meias negras lhe subiam pelas pernas que sempre foram belas —, mas, agora, nesses tempos em que os dois pareciam não saber o que fazer da vida, se iam, se ficavam, as pernas tinham-se tornado finas, esqueléticas quase... Seus cabelos aos trinta e poucos anos já grisalhos. Algo ali no *campus* de Berkeley os convidava agora a recompor algum diálogo, certo, recompor algum nexó que os esclarecesse a si mesmos depois daquela relação rompida sem explicação. O rompimento os levou de novo a corpos do mesmo sexo, de onde ambos, agora viam, jamais deveriam ter se afastado. Ah, uma dúvida sempre os martelava: até quando ou isso ou aquilo...? Ele alugara aquele andar na Arch Street, em Berkeley —, flores grávidas nas calçadas, as camélias

que ele confundira com rosas no início, a poucos dias da primavera, depois daquelas famigeradas investidas para conseguir o visto de permanência nos Estados Unidos. Fez três vezes em vinte dias Porto Alegre—São Paulo—Porto Alegre de ônibus rumo ao consulado americano, dinheiro emprestado, levando recortes de jornais comentando seu período como escritor-residente em Berkeley, agora como futuro professor convidado, dando cursos sobre Clarice, Graciliano, Raduan, Caio, Mirisola e alguns outros, mais alguns cursos sobre MPB, quando ele cantava, ele que gostava de cantar desde pequeno, cantava sobretudo bossa nova e tropicália como um emissário de pérolas brasileiras que os alunos americanos pareciam receber com a efusão proveniente às melhores notas — para depois de formados poderem operar as mais produtivas relações internacionais para o país deles controlar melhor o cosmos. Mas agora ele estava entre esquilos saltitantes naquele bosque apartado dos pesados prédios da Universidade, ele estava ali diante dela, Maria, a moça brasileira que conhecera logo que chegara à Califórnia. O ímpeto primeiro foi o de se evadirem um do outro sem explicações nem nada. Logo uma corrente submersa que ambos desde sempre sentiam ao se encontrarem pôs-se a latejar sem pedir uma única palavra, pôs-se a latejar, só isso. E que eles permanecessem pacientemente, apenas deixassem de aguardar qualquer prosseguimento e dessem margem, pouco a pouco, a um estralar de galhos em suas mentes, a um pestanjar de esquilos dando-se em carícia a descer por suas fronteiras; e que depois, somente depois pudessem relembrar que um dia foram aman-

tes sem quase quererem nada além de um abraço. Ela o masturbava sem avidez. Ele enfiava o dedo primeiro com suavidade pela vagina dela e encontrava lá no fundo um pênis em miniatura; quando chegava ali a coisa já o esperava, em riste, e nela ele mexia como num pênis sem glândula ou prepúcio, pura unidade que a promessa de seus dedos tinha o dom de excitar. Naquele ponto ocluso se banqueteavam, até que o seu próprio pau monstruosamente maior viesse a toda e entornasse o leite pelas coxas dela. Aliás, ele nunca conseguiu (nem procurou, por certo) uma única informação sobre essa peça do corpo feminino que bem longe estava do clítoris. Só Maria a possuía? Seria um quisto provedor de benefícios sem conta, o pau feminino primeiro, simétrico aos mamilos masculinos que tanto prazer de carícias poderiam dar a alguns homens? Agora os dois de novo ali, no silêncio do bosque de Berkeley, sem que nenhuma emissão anglófona alcançasse a aura palpitante do encontro, penumbrosa, esquecida, a ponto de se sentirem fora da férrea geografia com suas leis pesadas de idiomas, nacionalidades, vistos, retaliações. Os dois numa intimidade tão independente de outros laços que se sentiam à beira de tudo ou quase, até do gesto mais sinistro, a tal ponto, que preferiram enfim aproximar-se, não exatamente um do outro, mas de um núcleo qualquer onde pudessem reatar em paz o compromisso com as coisas. Tocaram-se, mas já não se lembravam a propósito do que deveriam falar. Se falar naquele instante pressupunha, como parecia, uma animação até a extremidade de algum entendimento, se falar fosse simônimo disso tudo, ah, eles os dois

não queriam mais. Se tocaram, gelados. Nenhum burburinho em volta, nenhum *sure, of course, I did, now*. Eles habitavam no momento um outro reino, miraculosamente impessoal, nada demandante, em conformidade com as lhinhas da Golden Gate que os dois costumavam acompanhar das colinas de Berkeley, ao entardecer: elas se cobriam pouco a pouco de uma mortalha de névoa, apagavam-se simplesmente, sem desejo ou mágoa. Quando ele chegou aos Estados Unidos, tinha menos de cem dólares. A chefe do Departamento de Espanha e Português em Berkeley o esperava no aeroporto de San Francisco toda de preto, loira, sorrindo meio culpada por tantas atribulações que o consulado americano em São Paulo tinha me causado por não ser um cara de altas formações acadêmicas, por estar desempregado, sem endereço fixo, penso eu, por tudo isso relutaram —, duas, três vezes meu passaporte voltara a Porto Alegre sem o visto —, temendo com certeza que eu quisesse imigrar como tantos patícios. Lembro que numa dessas tardes de verão em Porto Alegre, ao receber um não do consulado, sentei-me à beira do Guaíba e disse: eu vou, eu vou embora para um lugar que ainda não foi feito e que me espera entre a sombra da torre do convento ao norte e a velha fogueira ao sul há mais de século sem se opor a nada; por onde vou, meu Deus, com que cuidados, se aqui por onde penso que entro mais me fixo, gelado? No primeiro dia de curso, olhei a cara dos alunos e vi que uma garota loira e sardenta na primeira fila olhava para a região do meu púbis, meio parva, nada acalorada. Pensei, falando no Graciliano de *Angústia*, se de fato minha braguilha cre-

me lhe aguçava o sentido do que havia no outro lado, se a curiosidade vinha-lhe de sua privação ou seu excesso, se apenas fitava o que não via para me agradar a ponto de eu lhe entregar a nota máxima... Com menos do que isso, um dia ela me disse, não se conformava, pois queria no futuro ser embaixadora nesses países ao sul do equador, é, queria ajudar na erradicação daquela pobreza em natureza abastada que nem conseguia imaginar direito. Ajudar?, lhe perguntei; ela acreditava, sim, que o desenvolvimento de países pobres dependia de mutirões de dedicados voluntários desta nação aqui com dois oceanos e que lhe oferecia tudo, tudo, até bem mais do que sua juventude permitia supor, tal a previdência do gigantesco rincão de onde ela um dia queria partir ao encontro do mundo indigente — para entender seus braços de fada, fazendo a falta verdejar e sobre as mesas choverem refeições, que bela fada aquela!, tentando adivinhar meu pau e saco atrás da braguilha de baunilha que ela parecia querer tomar de mim como um sorvete para me encantar até eu torná-la a minha preferida, a pesoa para quem eu daria o melhor da América do Sul, o meu conhecimento com a ternura que possivelmente ela nunca tivera no seu doce lar. E quando se sentisse suficientemente segura em seus propósitos quanto a mim, pensei ao mesmo tempo ouvindo o rangido insistente das rodas da carreta no filme “Vidas secas”, que eu mostrava aos alunos no escuro de uma sala coberta de cortinas negras, olhando os retrantes na tela, a mulher com carga na cabeça que só se vê ainda em países como o nosso —, e quando então se sentisse suficientemente segura, eu me respondia, a mi-

nha aluna deixaria de exibir para mim, com exclusividade, na primeira fila, fora do alcance dos demais, o seu olhar impreciso, nada lúbrico, como se pousasse a vista em algo sem pertinência comprovada, refião maníaco de uma atenção para todo o sempre desgastada. Todos ali simulavam, faziam um jogo para extrair de mim as melhores notas, jogo duro de sedução onde eu ainda era muito incipiente para dominar. Enquanto mostrava alguns dos meus filmes brasileiros prediletos, “São Bernardo”, “A hora da estrela”, “O padre e a moça”, “Deus e o diabo...”, “Nunca fomos tão felizes”, “A ilha das flores”, alguns outros, enquanto eu sentia o banzo vago de uma coisa que certamente eu não tinha vivido nem no Brasil nem em lugar nenhum, fabricada com certeza pela minha idéia recorrente do país, bem mais embebida talvez no cinema feito no Rio do que na matéria da bruta realidade — um banzo, sim, dessas imagens que talvez nem existissem mais com esse jeito assinalado, assinaladas como se delas emanasse a unidade nacional, o magna de uma identidade artística exemplar... Em meio às divagações sem fim, na última fila, a controlar de tempos em tempos os vultos dos alunos por trás, eu me perguntava quem estava ali de fato interessado por esses quadros de miséria afastados de seus cotidianos quase principescos. O que fariam com essas imagens que para eles deveriam reverberar como campos de refugiados de todo o azar do planeta? — azar que eles nunca iriam contactar fora de suas embarcadas, de seus hotéis de segurança eletrônica ou desarmados de suas fantasias de ajuda às populações carentes de onde eu viera (para lhes ensinar em

vão). Simulavam então diante de mim um interesse mais que suficiente para lhes render êxitos a mais em seus currículos de agentes não importa de que instituição, secreta ou não, agentes da bandeira que fingiam amar sobre todas as coisas, mesmo que tentassem às vezes molestá-la em minha presença, afetando visões críticas para me mimar. Ele não queria lembrar, queria tão-só estar nos bosques de Berkeley diante da brasileira que o fez pela primeira vez vibrar com uma fêmea na cama eternamente redemoinhada de cobertores, travesseiros, lençóis... Mais uma vez perguntava a si mesmo se voltando a seu país teria reto, emprego, as famigeradas refeições ou aquela mulher para acompanhá-lo na desdita. Mas não queria lembrar, não; estava diante de uma figura parecendo com mais idade do que tinha, que ao voltar ao Brasil iria se juntar ao Movimento dos Sem-Terra, vivendo ao lado de um dos líderes de um acampamento no interior do Rio, um homem que a levou a Campos e lá pediu-lhe que fosse até a primeira Estética e tingisse seus cabelos com a cor de antes, que procurasse lembrar da cor natural de seus cabelos, mas ela não queria ou já não sabia lembrar, agora era uma ativista, toda voltada ao Movimento, sem tempo de recompor o seu passado atomizado, cápsula vazia imersa em seus interesses abstratos, como o de estudar o tema da Escuela de las Americas florescida em algum ponto da Geórgia, esse instituto dedicado a formar ditadores para os países latinos daquele continente ao sul de tudo. Nas pausas lia a correspondência entre Hannah Arendt e Heidegger e, de fato, gostava então mais desse núcleo íntimo do conhecimento, onde ob-

servava o malogro existencial de alguns lutadores de idéias, dessas idéias que tentavam formar com obsessão a tal ciência humana de seu tempo, antes que o vento levasse suas mentes para o espaço, pluft! Foi ali, assim, sem mais, que os dois se beijaram na boca bem suavemente, sabendo que ambos nunca mais se veriam, sem poderem adivinhar no entanto que ela, depois do capítulo de mais duas amantes, iria para os braços de um cara proeminente do MST, sem poderem adivinhar também que ele voltaria para casa para se enamorar de um homem mais jovem, nem tanto, geralmente de uma farmácia em Porto Alegre, onde costumava medir sua pressão. Na verdade passou a medir sua pressão quase todo santo dia, dizendo que ia embora de vez do Brasil — estratégia para acender no cara a idéia de aventura: se ele o seguisse, conheceria a bem-aventurança de viver num país estrangeiro mais qualificado, de aprender uma nova língua, sim, todos pareciam querer sair do abrigo da língua portuguesa, menos ele, escritor, que temia se extraviar de sua própria língua sem ter por consequência o que contar. Foi esse cara que veio a socorrê-lo mais tarde à porta do banheiro, naquela estranha queda que até hoje os médicos não souberam explicar de modo veraz. Não, ele não queria voltar ao exterior para morar, ah, não, apenas cultivava um convite, que lhe caíra do céu, de trabalhar no seu novo romance por um largo tempo em Bellagio, aldeia nas proximidades de Milão, junto ao lago di Como rodeado de montanhas com picos nevados, Bellagio por onde ele andava agora com saudades do caso que tivera com esse rapaz e que acabara de se extinguir (ou não?) —, ah, a sua

memória depois da queda! —, saudades do caso, sim, e não exatamente do sentimento teimosamente preambular que nutria por Léo, o rapaz gerente da farmácia, o cara que lhe emprestava um pouco da prática da vida: em quem confiar ou não, como conseguir o que eu não atinava pedir por algum orgulho, rarefação oral, medo de não ser aceito e não sei que mais. Antes de Bellagio, pois é, eles se sentiram impossibilitados de resistir à tirania da rotina os apartando um do outro até o ponto em que voltar para casa tornava-se martírio, mesmo que na hora anterior ao desenlace (e houve?) os dois tenham ido para a cama em pleno dia, ali ejaculando juntos sem se olharem, sem se abraçarem, se tocarem, apenas para selar com o jorro amarelado a história deles dois, mais nada. Quando saiu a conhecer o vilarejo de Bellagio, não conseguiu ver o que esperava encontrar numa aldeia italiana típica de filmes como “Cinema Paradiso”, “O carteiro e o poeta”; não via como dali poderiam sair histórias autenticamente pessoais, dramas, humor, malícia, tédio. Na Semana Santa turistas atravancavam as ruas muito, muito estreitas; a cada momento precisava parar, encostar-se a uma parede geralmente avermelhada para deixar passar um ou outro paquidêmico caninhão de obras. Sentou-se a uma mesa no passeio ínfimo, bebeu um, dois, três expressos e pôs-se a olhar muito mais para dentro, ao encontro talvez de um sentimento que provocasse nele a noção antiquada de uma comunidade, seja ela qual fosse, mas o que viu lá dentro não correspondia àquele domingo de Páscoa pela manhã, salvo um sino que tocava, isso poderia quem sabe lhe reacender a atmosfera idealizada da

infância, onde a beleza irreal de certas imagens urbanas de filmes e gravuras acolhia o desejo de ali ficar, pra sempre... Ele não ficaria ali um dia além do período reservado pela Fundação americana para a sua estada que seria impressivamente longa para os cânones desses mecenatos internacionais. Ele só tinha mesmo o que olhar na sua Porto Alegre, nessa cidade por onde a cada caminhada costumava descobrir, por entre as ruas de história ainda incipiente, novos focos de resistência da memória, fosse como fosse a sua —, esta mesma, cuja nascente quase se dissolve de uma vez por todas ao levar os choques insulânicos na adolescência, por não querer passear com outros jovens, por não querer ao menos estudar, freqüentar uma escola com seus calendários viris de futebol, brigas, socos, muito, muito mais. Ao ser pego abraçado a um colega no banheiro, abo-canhando a carne de seus lábios, alisando seus cabelos ondulados, ele era o culpado — já o colega, não, nem tanto; ele, sim, apontado como o que desviava o desejo de outros jovens das “metas proliferantes da espécie”. Por que era ele esse emissário de um mundo que os discursos dos padres condenavam ao silêncio sepulcral? Quem era ele afinal, por que se roía a ponto de o levarem para o Sanatório para ali se revolver impregnando-se de choques insulmicos, como se só na convulsão pudesse remediar um erro que ainda não tivera tempo de notar dentro de si? De quem ele gostava, por quem se apaixonava? Por aqueles jovens atletas, pois eram todos atletas no colégio, menos ele, o contemplativo, o que cultivava a inércia, o que vivia para se refugiar nas pausas que jamais saravam. Ao revolver seus

membros e espumar como um cão raivoso ele recobriria os movimentos, a pronta ação dos machos. Mas esse resultado não se deu de fato, olha ele ali sentado na frente de um café de Bellagio, como se fosse apenas o gerador de um olhar que a nada reconhecia mais, nem mesmo o lago di Como cercado de montanhas de topos nevados, nem mesmo essa vista do seu estúdio na Fundação americana, tudo lhe parecia um mero quadro arrancado de seu berço histórico. Quem iria pensar ali em algum súdito dos Césares avançando, avançando sempre mais para colonizar o mundo dos bárbaros, dar-lhe “padrão, poesia, arte e a sã moeda”? Hoje, quando caminhava pelas ruelas de Bellagio, o que ele via? Via certa moto, um jovem lindo dando o arranque em cima dela, fugindo, fugindo para esquecer o que sua força não podia mais comprar, escapando talvez para as mãos de sua amada da estação, mais nada. Talvez se ele pegasse um jovem tão belo quanto aquele que beijara nas privadas de sua adolescência e o levasse a seu quarto da Fundação americana para honrar aquele domingo radioso com o lago muito calmo, a barca a atravessá-lo sabe-se lá com que histórias no seu bojo, se ele levasse o jovem até seu quarto e ali lhe baixasse a calça pouco a pouco, na sua frente então se ajoelhasse como fazem diante do crucificado, talvez assim ele pudesse chegar ao fundo do domingo, bem assim, sem pressa, e lá no seu limite soubesse retirar o que agora lhe faltava, talvez o frescor, a graça de toda a geografia, e com ela voltasse a escutar a memória que agora apenas lhe fincava o cenho, deixando marcas com certeza, não a história. Por enquanto ele descia as escadas para o

piso térreo da *villa* italiana que abrigava os hóspedes da Fundação americana, a Villa Solti, em direção ao *dinner* de terno e gravata de todas as noites. Enquanto ia descendo as escadas ouvia o burburinho dos convivas, a maior parte acadêmicos americanos de áreas mais voltadas às ciências, tecnologia. Ouvia o burburinho, parava no degrau, apertava a balastrada e respirava fundo para não recuar. Ouvia o burburinho e preenchia o pensamento com bobas sentenças que lhe sedavam o íntimo um pouquinho: se eu fosse o homem transparente daquele filme, daquele antigo cujo nome esqueci, não precisaria suar tanto de vaga apreensão ao me encaminhar não só para as noites, mas também os *breakfasts*, os *lunchs*, para qualquer encontro com os colegas do palácio. Dessa vez ele de fato não estava nada disposto a conversar. Sentaria a uma daquelas mesas redondas, onde feito um carrossel de vozes todos se apresentavam a falar. Ele sabia, sofrendo assim de mutismo feito o mais total disléxico em língua inglesa ou em qualquer outra, apenas se embebedaria daqueles sons sem semântica, não se comprometeria com nenhum assunto, em pensamento continuaria disposto tão-só para aquele parágrafo do livro *in progress* que teimava em não avançar, temendo talvez que o autor tivesse de dizer ao fim e ao cabo o que nunca conseguira revelar antes nem nos livros nem na vida: sua oralidade, mesmo em sua própria língua, não vinha de uma necessidade genuína: ao falar, expressava não bem a forma daquilo que pensava ou sentia, e sim parecia interpretar uma voz além das proporções, que assim o representava limpo, estruturado, já muito, muito longe do caos a que

pretendia aludir: esse mesmo — o seu. Porra, esse cara contra quem ele próprio começava a se indispor seriamente queria o *ratbitate* infantil ou o simultaneísmo de todos os assuntos que lhe vinham à baila? Nem menos nem mais? Sabia mesmo que até ao falar fazendo alguma coisa que exigisse sua atenção, como lavar pratos, estender o lençol na cama, sentar na privada e nada conseguir, ir até o armário onde lhe esperava o supositório de glicерina diário, o que o fazia correr de volta ao trono —, sim, mesmo ao falar com alguém durante esses afazeres, quando parecia conseguir fugir por instantes do seu alheamento convulso, impertinente até, como se o encarcerasse numa masmorra anterior à lógica da frase — mesmo aí o que tentava fazer não era bem sair dessa masmorra, pôr-se em liberdade, mas espiar por uma fresta o fio infinito, claro, retíneo, cujo sentido unânime para a prática do convívio ele, friamente, não conseguia alcançar. Sentou-se então a uma daquelas mesas, ao lado de uma chilena moradora de Nova Iorque havia mais de vinte anos, mulher morena, ainda bela, que trabalhava nas Nações Unidas (UN, como ela dizia), no ramo dos Direitos Humanos, mais propriamente no ramo dos Direitos da Mulher. Tinha ido ao Brasil inúmeras vezes, citou-me várias feministas de São Paulo e Rio das quais eu nunca ouvira falar: comentei que, sim, era um horror a situação da maioria das mulheres brasileiras, implorando a Deus que ela não me pedisse para especificar a direção que eu queria dar à minha crítica ao machismo dos trópicos; eu não estava em condições de especificar nada de nada, nem mesmo em português; apenas respondi-lhe qualquer bes-

teira no meu inglês de ginásiano retardado, já que ela, que tinha mamado no castelhano, sentia no português não bem uma língua, mas uma espécie de desvio pelo qual o falante de outro idioma jamais seria capaz de enveredar. Ela dizia coisas desse tipo como se não me perdoasse o cárcere do idioma do qual eu não pretendia sair. Então, para ajudar de alguma forma no prosseguimento daquela roda de assuntos, eu me concentrei todo numa região do cérebro que imaginei ser o centro de todas as línguas, um ponto que, se dominado, me daria a fluência necessária para andar pelo inglês, francês, italiano, russo, finlandês, chinês, esperanto... Ainda consegui pensar, antes de me ater novamente ao palco das conversações sob a epiderme maníaca do inglês, consegui pensar que mundialização é essa que não arruma um jeito de acabar com as línguas em troca de uma comunicação imediata, sem intermediação fonética, ou seja, pura expressão virtual? E não seria esse o único êxtase possível nesses tempos? Cheguei-me perto da feminista chilena, tencionando fazer-lhe um agrado que resultou na confissão do meu masculino desamparo: disse-lhe em meu inglês esfarrapado que eu era o caçula de uma família de nove irmãs e que me sentia um sobrevivente dos mares femininos, que me perdoasse então pelo fato de ser assim aéreo, como se nunca tivesse conseguido o fio pedestre de qualquer fala, em qualquer língua, que ela não acreditasse que em português as coisas para mim funcionavam melhor, que nada, eram ainda mais vergonhosas porque ditas na minha própria língua e exclusivamente para os meus próprios patricios. Exclusivamente, claro, uma vez que ra-

ríssimos cidadãos de nacionalidades que realmente contavam para essa cúpula de *scholars* em Bellagio, poucos, muito poucos compreendiam minimamente o português. Ela corou. Falei que era só por esse déficit linguístico que me tornara escritor — aliás, não poderia chamar isso de escolha, melhor diria se chamasse o meu ofício de castigo, que jeito? Ela respondeu que as Nações Unidas ainda não tinham formalizado uma ação para resguardar os direitos humanos dos afásicos, dos pobres de espírito, dos neuroconturbados. Afrouxei o nó da gravata, pedi licença, sei lá, e pus-me a andar pelos salões da Fundação no passo de um dançarino exausto, condenado a não sair dos bastidores. Quem seria esse homem um tanto taciturno a encontrar estátuas, quadros clássicos pela frente para impressionar americanos, colunas, obeliscos, homens seminus, mulheres fartas, gestos largos, quem era mesmo esse homem nascido em abril em Porto Alegre, no hospital Beneficência Portuguesa às seis da manhã, criado no bairro Floresta, sem poder imaginar que um dia estaria aqui nesse castelo, ao norte da Itália, perto de Milão, na chamada — jocosamente ou com sarcasmo — “Catedral” americana; quem era esse homem que já se cansava da noite tão cedo, louco pra dormir, sonhar, regenerar-se para ao longo do dia seguinte cair no mesmo enfado — ansioso pra dormir em horário de criança, quem sabe de hospitais, tudo pra sonhar de novo o mesmo sonho de um cão escorçado num acampamento de ciganos, vivos!, tudo pra fingir que acordava na manhã seguinte para ouvir seus camaradas, dessa vez no todo-poderoso inglês, mesmo estando sob o céu da Itália

(cadê o italiano que ainda não conseguira escutar?). Não adiantava, era no inglês que a trama diária ia se fazendo, até que ele topasse com um mordomo, *ragazzo* belo como tantos da península mediterrânea, parado a um canto da sala de música como se aguardasse os convidados da noite para bem servir com seu encanto jovem. Esse não, esse não falava a língua de Byron ou Mark Twain. Quando lhe agradei em inermes compulsão por estar entrando ali, ele disse “*prego*”, mostrava não ir além de sua língua, só se por acaso fosse transportado por uma milionária americana para o outro lado do Atlântico e ali permanecesse, mandando todo o mês parte da gigolotagem para sua *mamma* em Bêrgamo, até que ela morresse e fosse embora o encanto. Quem é esse *ragazzo*, hein?, e quem será esse homem aqui que já não se reconhece ao se surpreender de um golpe num inenso espelho ornado em volta de dourados arabescos, um senhor chegando à meia-idade? E se ainda quisesse algum prazer da carne a hora era essa, o *ragazzo* o esperava desde sempre, estava ali a postos, calça preta, colete listrado em branco e preto, a repetir “*prego*”, “*prego, mi signore*”, sim, um bom *signore*, geralmente sem ter onde cair morto em sua própria terra, mas hoje um escritor famoso a receber convites do mecenaso internacional, mormente o norte-americano, é claro; mesmo que pudesse contar fora dos muros do palácio com a efusão latina, prima de seu país de origem, ali estava ele, acorrentado àqueles *scholars* americanos em sua maioria, e, no mais, no momento, à chilena da ONU, a uma poeta tcheca, três músicos coreanos, um filipino, não muito mais que isso. Viviam ali sobretudo acor-

rentado a ele mesmo, a esse brasileiro se interrogando que imagem poderia causar na “Catedral” americana com seu jeito alourado, sobrenome alemão, vagando sem saber por que vagava tanto por aqueles salões dos cortesãos na manoria protestantes, sabendo que de hora em hora o cura da igreja medieval da aldeia de Bellagio puxava a corda do seu sino e se embalava e embalava a todos que ouvissem a sua arte católica, pobre cural, talvez nunca tenha tido a chance de ultrapassar o faustoso portão da Fundação americana, sim, pois durante os *breakfasts* corria o boato de que ele tinha violentado a púbere que morava no promontório da outra margem do lago di Como... Isso o escritor brasileiro ouvia calado como sempre, louco para o último gole do café para então subir até o quarto, adentrar depressa em seu estúdio ao lado e esquecer do mundo em sua escrita que alguns críticos chamavam de rara. Raro é esse *ragazzo* para quem ele olha agora e diz: sim, Deus baixou aqui, é vivo. De imediato tocou na espádua arcaica do peninsular divino, mesmo que o *ragazzo* não soubesse, não importa, era Deus que ele continha no seu peito arfante, não o Deus que não saía das igrejas mas o Deus que pulsava atrás da calça apertada do *ragazzo*, o Deus que se aplumava e se punha rígido, colosso! —, o Deus que foi levado pelo escritor porto-alegrense para atrás de uma cortina malcheirosa pelo tempo, o Deus que ali se deixou ordenhar como um bovino e que ali se deixou beber não bem em vinho mas em leite que o nosso senhor gaúcho engoliu aos poucos, na carência da idade, lembrando-se da Primeira Comunhão, terço nas mãos, ar de bem-aventurança — de

joelhos olhou o *ragazzo* como se rezasse pelos mortos seus amigos, por aqueles que não mais podiam aproveitar a vida desse jeito, sentindo sim o gosto áspero que ele não experimentava havia tanto, gosto desse nobre líquido que corre em seus microfilamentos — vários cavalos no páteo até um só ter a sorte ou a infelicidade já não sei de fecundar a vítima. Era desse líquido com o inóspito gosto de midimento da espécie que ele bebia ajoelhado, um líquido que talvez esperasse aflito seu dia de criar um santo ou um monstro nas entranhas de sua vítima e que agora se desperdiçava pela garganta sedenta de outro macho. O *ragazzo* limpou-se na cortina e o homem ajoelhado viu que sua liturgia estava fñda, era hora de partir pra cama, pé ante pé no mármore, bem silencioso, para que nenhum residente da Fundação pudesse vê-lo saindo de fininho não para a cama mas para a noite fria vivando em seus ciprestes, sim, debaixo do céu bem estrelado, cuidando para não provocar ruído no cascalho —, lá ia ele subindo a gola do paletó já todo contra o vento, lá ia ele sem fazer barulho pela noite fria, pois queria mais, bem mais de tudo, de tudo vinha um riso envergonhado da traquinagem que havia pouco fizera no rapaz sacramentado agora para sempre em sua lava noturna pelos cantos, atrás das cortinas, entre os móveis de autêntico estilo, não importa, ele era o santo que oficiava pelas sombras o ritual da sina. O escritor por-to-alegrense continuava ali, ao vento mais que Minuano, sem saber se cuspia no pedregulho da trilha ou se engolia mais e mais aquilo que lhe fizera um homem vivo, o mesmo esperma de seu pai, pois o sêmen de um só homem

contém o esperma de toda a humanidade, ele estava na Itália, não esqueçam, perto de Roma, e assim voltava a acreditar nos velhos carnavais litúrgicos encabeçados por coisas tipo o Corpo Místico de Cristo, a Comunhão dos Santos, tudo isso na diversidade dos povos contida em apenas uma carne que ao pó retornará do mesmo jeito que dele se extraviou, assim mesmo, de fininho, como fazia agora aquela figura no escuro do bosque de Bellagio, com vontade de fugir daquela irmandade que almejava comandar o mundo com suas idéias orquestradas, com vontade de pelo mundo se perder mais tarde num navio fofoso ou num trem de subúrbio, armado... Foi quando ouviu um bicho correr entre as ramagens. Depois, logo depois um piano heróico no meio do arvoredo a se crispar ao vento. Primeiro pensou se tratar de um engano auditivo, motivado pelo fogo cerrado de anglofalantes do jantar onde mais uma noite ele, incauto, tinha entrado até por falta de opção, pra não morrer de fome — já que geralmente ficava sem almoço para descansar das grialhas que não paravam um só instante. Mas o piano permanecia — ali, a alguns passos, na cabana de janelões acesos a exhibir o busto de um homem curvado sobre seu teclado. Quem era esse homem que toca Liszt em sua cabana no meio da floresta?, ele pensou se aproximando inconscientemente de uma das janelas. Aproximou-se como uma criança se aproxima de algo que lhe desperta abrupto interesse, nada preocupada com a pertinência ou não da curiosidade. O pianista era alguém lá nos seus quarenta anos, pouco mais, quem sabe. Tocava algo de Liszt, isso ele sabia porque, mesmo sendo escritor,

ouvira mais música do que abria livros; de uns tempos pra cá não queria mais saber de romances, novelas, contos, muito embora os escrevesse. Quando sentia agora a necessidade da palavra, ia direto a algum poema. Para ele, a poesia era o verbo em estado musical, se algum sentido ela expressava este não vinha de outra coisa que não da melodia deslizante pelas entrelinhas feito um veio d'água que mal se percebe. Nesse elã que sentia pelo que ainda não se fixara em norma do sentido —, esse algo tateante que vinha e lhe escapava sem o apoio de cordas, sopros, bêmóis, nessa suttilização do significado que não o levava a parte alguma, daí vinha o sinal de que o seu tempo interior se esterilizava a ponto de ele não ver mais como se desredar: quisesse ou não, já se aventurava sem retorno por essa louca desertção. Que importância teria a decifração do mundo para quem já queria só voltar para casa de onde talvez nem precisasse ter saído? Que importância teria a semântica da prosa mais esclarecida a quem só ansiava se abraçar ao seu quintal? Que importância isso teria quando ele já fosse apenas um punhado de cinzas em meio à terra que por certo nunca mais o moldaria em carne? Não fosse um homem ter despejado seu gozo dentro de uma mulher, não fosse isso o filho que ele era não estaria aqui nem haveria para sua escura o Liszt que ele ouvira agora, nada, só a paz dessa floresta de Bellagio, o assóvio intermitente do vento noturno —, não haveria ele nesse corpo perpetuamente redutivo enquanto houvesse pensamento, fábula, história, ele pensou coçando-se ao infinito. Foi então que não agüentou mais aquele gosto de porra já passada na gar-

ganta e cuspiu, escarrrou tudo e um pouco mais ali, bem perto da cabana. O pianista assustou-se com a veemência do bicho que ele achou que fosse à primeira vista, levantou-se, foi à janela pálido que estava, e deu de cara com o homem que vinha da floresta tentando ouvir o Liszt que ele gerava acalorado. Ficaram parados, sem falar, sem nenhum gesto, nenhum sinal em que pudessem se comunicar, saber a identidade um do outro, suas intenções, seus vícios, traumas... Parados, sem esboçar a mínima significância em seus corpos, urdiam quem sabe algum veneno que tentasse desfazer aquele encontro assim tão rude. Se os dois já se conheciam, se ambos eram residentes da Fundação, nada disso interferiria ali, eles eram agora bem menos do que identidades, portavam em suas figuras uma espécie de estranhamento original, dois seres embalados pela mesma melodia já ausente, um na clareza do seu estúdio bucólico, o outro querendo se banhar naquela mesma luz cativante, a alma da cabana, e que a Fundação parecia querer esmagar sob o tacão das estatísticas de alguns hóspedes — economistas que em certas noites recitavam suas receitas categóricas para o fim do desemprego mundial, na sala de música, depois do mais lauto jantar. Por que era preciso sempre dar continuidade a tudo?, parecíamos nos perguntar no âmago da floresta. Por que o pianista não voltava ao seu piano, o escritor ao seu abrigo na Fundação americana, e nada carecesse de maiores explicações regadas a gemidos, risos, palpitações, alívios? O escritor da parte dele não tinha urgência em se aliviar de nada, já tinha escarrado todo o resto do sêmen do *ragazzo*, e preferia agora não dar às

suas pernas nenhuma direção que o afugentasse da cena entre eles dois ali, ambos barbados. Pois no fundo era ali que queria ficar, quem sabe mais uma vez ouvindo Liszt, sem a ansiedade de precisar dar a seu corpo um rumo diferente, um rumo considerado com certeza mais salutar do que aquele de aparentemente importunar um pianista que tocava Liszt numa noite fria de Bellagio, na Bellagio onde o próprio Liszt vivera por alguns meses em 1837, amando a sua Madame D'Agoult, torridamente, e lendo Dante à sombra de alguns plátanos... Em dezembro deste ano nascia Cosima. Sim, a Fundação acolhia também músicos, e para eles construíram cabanas na floresta para que melhor se concentrassem e ao mesmo tempo não interferissem na audição dos residentes de outras atividades. O fato é que, de repente, assim, sem mais, vi surgir uma mulher ao lado dele, e essa mulher estava vestida com um traje dos oitocentos, verdadeira heroína de uma história que eu comecava a ficar louco para conhecer. Seria essa mulher uma enviada para desfazer o gelo em que aqueles homens permaneciam, meio que acossados, parecendo intocados pela presença um do outro, tendo ainda por cima a vidraça entre os dois para mais refluí-los do acaso desse encontro, hein, seria? Mas essa mulher parecia não ter chegado a nada além de uma personagem — pálida, sem gestos, de vida nela só o colo que vinha e voltava numa lenta respiração ornada com um colar. Quem era essa mulher, eu me perguntava, a quem servia uma beleza assim tão fora do meu tempo: seria uma atriz, uma cortesã que vinha à noite satisfazer os caprichos daquele pianista? Quem era, mas quem

era mesmo essa mulher tão diáfana que seu colo agora parecia porcelana desmaiada, manso se recatava pouco a pouco, a ponto de não se notar mais ali nenhuma ação orgânica... Olhei cada um, olhei primeiro igual a um bisturi, tentando penetrar em toda a extensão daquela extravagância, como se uma criança interrogativa, num conto muito antigo, perdida na floresta, desse de cara com uns seres alheios a qualquer comunidade, ali, parados feito estátuas, sem demonstrar o menor desejo de participar da prosa apressada que o visitante noturno poderia estar na iminência de gerar. Mas na verdade enquanto eu estivesse ali, parado, olhando aqueles dois afantasmados, eu estava pronto a me deter no tempo, a economizar de forma radical minhas batidas cardíacas, ser apenas mais um elemento da floresta, um corpo que não precisasse batalhar por mais um dia — e, quando despertasse novamente, nenhum desgaste das horas teria me marcado com seu ferro em brasa; aliás, a minha cabeça teria idéias totalmente emancipadas das antigas, tudo me seria mais fácil, não teria receio do futuro, controlaria os infortúnios do acaso com a respiração no ritmo digno de um estóico, por onde escorregasse e evoluisse um ar tão qualificado quanto o desse bosque de Bellagio. Faria parte com eles de um gracioso destacamento de estátuas, já que lá dentro na “Catedral” discutia-se obliquamente a *pax* americana. Eu era Berkeley em Bellagio, o bispo e filósofo irlandês em retiro pisando em folhas secas, me afastando da janela atrás da qual um pianista moderno e uma mulher vestida de outrora talvez ensaiassem alguma ópera, talvez chamada “Fantasia quase sonata depois de uma leitura de

Dante”, em honra sim de Liszt que aqui vivera uma paixão fêvida, enquanto eu caminhava com cuidado, temendo escorregar no limo da unidade, ouvindo Cosima quem sabe a cantar em seu leito de morte qual a Dama das Camélias... Nenhuma cena humana era mais pungente do que essa, reservada apenas a quem tem o privilégio de morrer no próprio leito, cercado pelos seus amores, sabendo que a mão que atárga seus cabelos, e essa agora a segurar a sua como se do alto de uma embarcação puxando a mão do naufrago, que essas mãos são as últimas sensações de vida. As presenças que tocam a agonizante já perderam a sua identidade, já nada podem fazer além dessa formalidade de tentar puxar a morta à tona novamente, enquanto a pobre já não reconhece nenhum interesse em continuar ali, a salvo. Eu era Berkeley, o célebre filósofo sensualista que acreditava, dizem, que a subsistência das coisas dependeria da qualidade da percepção e não da feiticaria da linguagem —, e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vão noturno que quase me engole num repente? Quem me responde, e já, se o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norte-americanos (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para me manter fixo? E os passos me conduzem para o estúdio pegado ao quarto ou às lisonjas mútuas reinantes na Fundação —, hein?, não fiz umas perguntas, tchê? Sei que vejo Cosima espantosamente pálida em seu leito de morte, toda transparente, toda irreal, quem sabe inexistente... Voltei à

villa, os circundantes continuavam acordados agora na sala de música, sentados em poltronas, belos sofás, quadros e estátuas renascentistas que eu jamais saberei se são reais ou mero esforço posterior de algum abnegado artesão. Um professor de física da New York University cantava e tocava *standards* americanos ao piano; fui para perto de um grupo que ouvia atentamente a fala da poeta tcheca toda líquüfeita em vinho a relatar sua amizade estreita com João Paulo II; ganhou algum prêmio do Vaticano, algo assim, talvez uma medalha católica dedicada aos poetas, tudo eu ouvia como sempre ouvia os cortesãos da Fundação, pegando pedaços, nacos de frases, logo me desinteressando, às vezes retornando pra verificar se daria para lastimar mais tarde ter passado ao largo do assunto que poderia me render mais romances, mais contos, mais novelas, quem sabe dessa vez um poema dramático à *La T. S. Eliot*, quem sabe coisa alguma, apenas uma fofoca a mais pra que eu voltasse pro meu quarto sorrindo pelos corredores do castelo feito um cidadão feliz, satisfeito, disposto para mais um sono liso, lisinho pelos cômodos de arca da minha praia na extremidade sul do Éden... Mas dessa vez o papo era sério e versava sobre a estreita amizade de uma poeta de Praga agora ébria com o Papa, nem mais nem menos, o Papa. Ela contava que Sua Santidade só conseguia ler em tcheco, ao falar nesse idioma sua língua reftreava, a saliva refluía e ele se engasgava. Sentaram-se lado a lado logo depois da cerimônia de outorga das medalhas do prêmio aos poetas que contribuíam para a fé cristã, sei lá se era exatamente isso, pois o inglês que ela falava bêbada era ainda mais medonho

do que o meu, se é que podem acreditar, não minto — mas ela estava à mesa com o Santo Padre, o Papa pedia que falassem em francês devido a seu bloqueio com o vernáculo tcheco; o velho contava dos poemas que fizera na juventude, ela distribuía as novidades entre os americanos em volta, todos homens, salvo eu que era brasileiro e não tão fanático quanto eles pelos encantos da tcheca repetindo os termos em francês que usava ao lado de João Paulo II — aí talvez eu fosse o único a entender visto sempre ter sido o francês o meu forte, coisa de que hoje me arrependo já que ninguém mais usa o repertório gaulês fora da França: com certeza, sim, ali eu era o único a entender enfim alguma coisa naquela ilha anglófila, e os americanos repetiam “traduz, traduz pra nós, oh musa, doce coração!”, eu juro, eram palavras assim a jorrar dos bacantes novaiorquinos na noite imperial de Bellagio; um deles perguntou se ela indagara de Sua Santidade se de fato era infalível, “*infallible, infallible*”, repetiam às gargalhadas ao som de “Smoke gets in your eyes”, enquanto a tcheca roçando sua perna na perna de um historiador bem manco se ruborizava toda, a repetir que não, que não, que o Papa era um homem modesto, tão modesto que foi se curvando, se vergando ao peso do seu humilde lenho santo... Isso tudo só eu que escutava já que ali ninguém parecia arrastar o francês como eu que tinha cinco anos de Alliance nas costas; que burro fui eu, reclamava baixinho, por que não aprendi inglês se na minha mocidade já era esse o idioma que começava a contar para o mundo, enquanto eu ali no *Je vous aime*, fazendo biquinho, correndo a procurar em vão por

Porto Alegre um único sebo que me pudesse oferecer algum *livre de poche*, enquanto naquelas livrarias as portas já se escancaravam sim pros *pocket books*, bem isso, *bye, bye* seu bobo, vá colher uvas na Provence, vá fazer biquinho na Champs Elysées ou vá bater numa porta da Avenue Foch, pedir que lhe empreguem porque em seu país tá brabo, camelôs, pedintes, barrigas vazias, nem pro café com leite o bolso se apresenta. E então?, perguntei à noite silenciosa com a gola do paletó de pé de tanto frio, ouvindo a percussão solitária no cascalho. Essa noite parecia não ter fim. Já não tinha vontade de dormir. Querida, ah, que a madrugada não tivesse término e que todos precisassem se entender na escuridão que jamais deveria terminar. Todos?, onde estavam os demais? Parei. Continuei ouvindo o cascalho, alguém se aproximava e devia ser por trás. Custei a abordar quem quer que seja com um olhar inoportuno, como se todos estivessem vivendo às margens da paranóia e a todos se exigisse que não a provocassem o suficiente a ponto de se ultrapassar um limite além do qual já não se pode responsabilizar ninguém pelos seus atos. Tudo era medido quando não se estava bêbado, que todos se segurassem em seus casulos, não se aproximassem de ninguém além do que a Democracia Americana, a única, soberana, pudesse conter em seu código relativo aos “Direitos e Deveres Dialógicos”. Esse o patamar para além do qual a História se encolhia tanto a ponto de se cristalizar platônica, sem nada mais pra redimir, elaborar, viver. Era a torre do Novo Capital se erguendo, basta... Ouvi a música do cas-

calho. Parei. Os passos, atrás de mim, pararam. Voltei-me. Era um guapo tipo bem latino. Adiantei-me e fiz as clássicas perguntas sempre de prontidão a cada novo encontro. De onde você é, o quê e onde leciona — já que ali era o reino quase absoluto dos *scholars*. Ah, ele vinha do Equador e não dava aulas. Trabalhava numa instituição filantrópica gigantesca. Tinha formação em engenharia, achava que com a tecnologia o nosso continente iria longe. Falava português perfeitamente. Uma professora carioca muito próxima de sua família lhe ensinara com dedicação a língua. Já não existia ideologia suficiente para encerrar a construção de um projeto nacional. A realidade é um jogo. Há uma ética?, perguntei. Ética, sim, mas dentro de uma vaidão amorral. Se os poderes venais puderem contribuir, que venham! Descartar?, só essa gente como os protagonistas da minha ficção que ele já tinha lido quase toda —, homens desadaptados ao circuito social, caminheiros à procura de um lugar onde a sociedade humana não pudesse alcançar. Seres sem cidadania ou qualificação, ele se apressou a dizer. Sim, respondi, é isso mesmo. Todos devem jogar seu jogo até o fim, ele insistia, essa a razão de estarmos aqui. O aperfeiçoamento das regras desse jogo? — ah, a única promessa. Posso conceder, ele se apressa, que, de certa forma, entrará na roda até esse teu eterno desajustado, como você mesmo diz, também o criminoso, o traficante de drogas, o mercenário, o louco, todos jogam o seu papel e é bom que seja assim. Só o seu protagonista pensa não jogar, cotado, talvez seja o que mais joga, e sem tirar nenhum proveito desse *match*. O que lhe falta é a cidadania

afirmativa ou negativa, não importa, é sair desse limbo que afeta só a ele, me acredite, não se engane. Ele era jovem, 34 anos, eu já o estava vendo com a faixa presidencial equatoriana, era a nova elite sul-americana, esse sim um verdadeiro filósofo orgânico —, apenas acreditava, dizia ele, na promoção social dos povos e que depois de morto o jogo continuava, pois éramos um *continuum* no Universo e, como Giordano Bruno declarava, éramos ainda mais, o próprio espelho de Deus; sendo assim o jogo continuava no *post-mortem*, pouco importava se numa reencarnação, em outra esfera que não a física, ou mesmo se Deus não passasse de uma criação da nossa frustração cósmica. No mais, só a beleza salva a permanência desse jogo. Suas regras, é fato, são no mais das vezes enfadonhas, feitas para golpear de morte a nossa autonomia; mas, preste atenção, a autonomia é um vício mental, não passa da tal autonomia abstrata que esse seu herói literário teima em redigir. Beleza? Ele tinha dois palmos para além de mim (que pra homem baixo não servia), sabia que me seduzia com esse papo de Beleza, esse Platão dos pobres que se preparava para no próximo outono começar seu doutorado em Princeton, o Gatsby sul-americano, lindo! Eu ali me converti à sua doutrina, pelo menos durante aquela noite. E se eu o levasse para meu quarto e o transviasse de sua rede filantrópica internacional pelo bem de um escritor da espécie, reputo, pelo menos durante apenas uma noite, na certa ele me daria seus tesouros na forma mais acabada de suas tergiversações, afastando-se temporariamente da “concretude da promoção social junto às camadas pobres da população

do continente, mormente a equatoriana”. Eu era um escritor de olhar *heavy* como eu mesmo lhe dissera, e ele tinha todas as abstrações de sua estética para me ofertar pela graça de minha conversão. Claro, ele dizia, na nova cosmovisão latino-americana não haverá a diáspora entre o Indivíduo e o Universo como no Pecado Original católico: o cara estará apto a receber de Deus aqui mesmo as profficas recompensas do trabalho. Ah, eu quero isso, eu respondia feito um idiota, tamanho o meu desejo de ver esse rapaz naquela noite no ápice da América Latina, um gato bem moreno, misto de índio, espanhol, todo empenhado em seduzir mais um pro seu futuro calibre de poder, ah, de trópico a trópico, com certeza assim seria. Viva o Equador, suspirei sardônico, viva esse que parece até um certo presidente pós-moderno do Brasil em jovens anos de exílios! Exílios que este dali pensava não viver na pele; mal sabia ele ser mais um exilado, sim, exilado do quê?, me perguntei baixinho, se ele está convencido de estar flannando feito um dândi da filantropia pelos cinco continentes? Mas naquela noite nem isso me importava, não me importava até meu próprio exílio branco no conforto de universidades e fundações americanas, sem conseguir entabular em inglês uma única frase que prestasse, não importava, não importava nada se naquela noite eu tivesse o príncipe de Quito na minha cama. Seu português era brilhante, melhor do que algum dia pudera supor saindo da boca de um falante hispânico, não havia um erro em sua pronúncia, nenhuma distorção em sua sintaxe. Quem era a professora carioca que lhe ensinara tão bem o português, que

nele não se descobria nenhum sedimento de outra língua? Tinha sido sua namorada, amante, preceptora ou devoradora? Ele não iria me contar. Ali, era apenas um homem todo exposto à minha fantasia, mas nada iria acontecer nem agora nem mais tarde, ele ficaria ali e eu aqui, talvez no máximo dançássemos sob a lua que era clara, cheia, tão clara que nesse instante apagava todas as estrelas, deixando a relva perolada a ponto de se poder imaginar gota a gota do orvalho; muito embora a baixa temperatura, suávamos, eu sei, nós ambos, e a correr como a brincar de pega-pega entramos num quiosque todo envidraçado, igual àquela de “A noviça rebelde”, quando o romance deles dois começa. Por que havia tanta coisa a descascar até que pudessemos estar alguém da gente, nos transformarmos em ninguém ou quase, quase nada, e só então, sem nome nem espécie, poderemos nos beijar na boca? Precisei pensar na casta Julie Andrews e no circunspeto viúvo Christopher Plummer no quiosque no meio do bosque do tal filme, para aplacar o meu tesão, a baba na cueca, para aplacar o equatoriano que ardia em sua liderança, me traduzindo uns versos de um jovem poeta peruano, seu colega de internato na infância, hoje um diplomata de carreira em Roma, a quem iria visitar depois que terminasse o seu seminário em Bellagio — “Experiências Inovadoras para Lideranças em Filantropia no Desenvolvimento da América Latina”, a latina doidal, digo eu pra não chorar, e rio e rimos tanto que a lua feminina se retrai atrás de uma montanha. Estava eu aqui, agora, no abrigo do quiosque, encharcado de baixo da cueca mas sozinho, sem saber a verdadeira dimensão do

estrago na virilha sonhadora, besta como ela só, sem me dar pistas do teor do leite derramado, se era pura baba, se porra, se de fato mijo de tanto eu tir por dentro na noite próxima dos Alpes — onde estará meu fidalgo, onde estás que por ti padeço, nio feito um gato em cio e depois deito, deito sobre um banco de pedra no feitorio da Roma antiga —, as margens laterais em leve relevo arredondado. Largo um peido, finjo que choro, que me derramo em lágrimas, sacudo a cauda, empalideço... Acordo em sobresalto, é noite ainda, reconheço — tão só estou no quiosque envidraçado que penso que o guapo equatoriano foi só um sonho. Que faço na Itália?, me pergunto — e isso é Itália, se até agora só ouvi inglês e o belo português do futuro presidente equatoriano? Me enroscó todo de novo sobre o banco de pedra da antiga Roma, quisera ser uma ave ferida bem na asa, e aqui ficar até que alguém viesse para só cuidar de mim porque já nem sei que faço nem que digo, se é que digo, já nem sei se sonho. Ouço uma voz cantante, é uma soprano, é Cosima, eu grito fechado no quiosque e quase choro agora no mais absoluto isolamento. Reajo, abro a porta de vidro, vou para os jardins, vejo o busto em pedra de certa figura qual um senador romano, se não um dos Césares; corro, grito, faço que vou despenhar no precipício, morrer no fundo do lago di Como, tudo é mentira, me refaço, vou ao encontro da voz que canta “Bongiorno”, canção da ópera do músico do Bronx que foi embora para a Sicília, ver Palermo, terra de seus ancestrais mafiosos, tão poderosos que lhe deram condições de estudar na Juilliard School e tudo o mais que um músico

nova-iorquino deve ter para viver em condições tranquilas pelo menos, ah, eu bem me lembro que num ponto desta noite eu vi o seu fantasma e o de Cosima, a heroína de sua ópera, mas dessa vez, aqui, falo de Edwin em carne e osso: Edwin veio a essa Fundação americana para fazer uma cantata dos anjos da Sardenha, com vozes de um coral adolescente; com ele estava a libretista e *dramatist* que lhe escrevia como se salmos, veio com o marido professor de sociologia em Minneapolis que por aqui estudou durante um mês as desigualdades entre o Norte e o Sul, sua obra se chamaria *Toward a More Equitable World*, não soltava a foto em preto-e-branco de uma índia velha em roupas aculturadas de uma dama, brincos, mas tão, tão velha que já não tinha nem um tiquinho de chance de conhecer um dia um mundo mais igualitário: seu rosto impressionante parecia puro barro estorricado, cheio de sulcos de uma terra seca; mas era esse o mote dele, a proto-história de um mundo em nova ordem para todas as Américas e para os cinco Continentes! O que fazer?, ele mesmo respondia: acabar com os governos corruptos, desentravar o processo democrático em cada região, pegando a tal, a mitológica oportunidade a todo cidadão, um cidadão que poderia com orgulho se espelhar, ou melhor, se inspirar, perdão, a cada manhã na Democracia Americana “espalhada pelo mar revolto”, completei diante dele durante um café após o *lunch* no terraço da Villa Soli — não!, ele respondeu virando a xícara de café sobre o seu peito inflamado, não, não é preciso revolução de espécie alguma, tudo tem seu próprio ritmo — democracia, educação para as massas e, en-

fim, a tecnologia, a única maneira de todos se acessarem mutuamente; enfim, é esse o mais ambicioso programa dessa hora, e só com mutirões de voluntários teremos condições de aplicá-lo pelo mundo; por isso estamos todos aqui nesse instante grave em que ainda não se sabe bem quem realmente está por trás da queda das torres em New York, fato que não será a nova Queda de Constantinopla, não se illudam —, se é você, se sou eu o mentor dessa hecatombe, logo a humanidade ficará sabendo com certeza, e aí adeus ansiedade global, pois já teremos as porções dos bens do mundo bem distribuídas *all over the world*, isso sem milárges ou idéias imantadas de santos caudilhistas, porque então no duro o inimigo estará exterminado, esse inimigo que pode ser você, o filipino ali com seus trajes típicos olhando para o pico da montanha mais nevada, para lá além do lago di Como, além do horizonte, do arco-íris, mais além ainda do que podemos conceber, lá onde ele será pó uma vez por todas, nos deixando em paz aqui no manso círculo de um mundo mais equitativo, enfim, na única história sem embromação, é isso! Ele e a esposa libretista estavam se despedindo dos convivas, iriam embarcar de volta a Minneapolis dali a alguns segundos, seus olhos lacrimejavam, me destroçavam o coração, não tanto eles, vos confesso, mas o músico nova-iorquino, Edwin, que também partia naquele instante só que para a Sicília de seus ancestrais mafiosos que fizeram fortuna incalculável na América — lá ia ele pra Palermo, o músico que na noite anterior aparecera à janela com sua Cosima em figurino de época, a bela soprano que surgira de repente atrás da tal

vidraça e que não tomou mais corpo depois diante da minha vista já bem exausta por tantos cafés, *breakfasts*, *lunchs*, *diners* engravatados, onde sempre havia alguém a discursar, lágrimas a derramar, uma boa comida sem dúvida, feita por exímios *maîtres* italianos, sobremesas, velas, aplausos, talleres zunindo nos cristais das taças, chamando a atenção dos circundantes para este dali que eu jamais descobrira quem era, de onde viera, o que fazia ali — pois este dali também queria exibir o seu *speech*, porque alguns chegam, eram saudados, outros se iam, eram brindados, e o mundo não parava de rodar em alta rotação até se retrair em certo ponto da jornada, largar a última faísca, e então descer sua pálpebra secreta, nos escondendo de tudo o mais, de nada... Mas por enquanto eu não queria que nada se acabasse, mais uma vez almejava um companheiro que comigo sim ficasse, como Edwin por exemplo, esse tal músico que partia para a Sicília de seus mafiosos ancestrais, me deixando com a subline melodia de uma canção de “Cosima”, a sua ópera (soube depois que decidira por esse título), a tal ária “Bongiorno”. Ainda antes de vê-lo com a soprano vestida de heroína atrás de sua vidraça, quando me mostrava ao piano da sala de música do palácio as suas canções, cantatas, árias, em sua voz mais do que bela, prometi-lhe dedicar o livro que escrevia na “Catedral” americana de Bellagio, retribuindo assim a sua arte! Subimos para os quartos, e ao parar diante da minha porta com meu nome escrito num cartão com margens em finos arabescos de metal dourado, ele se aproximou um pouco e repetiu: Joao, Joao, treinando um til com o dedo pelo ar, a repetir Joao,

João, enquanto eu abria a porta, ele entrava junto, eu passava a chave me aproximando de seus lábios sonhadores. Toquei-os com os meus, de leve, as línguas quase se roçaram, recuaram, eu queria sim entrar por sua boca adentro, inteiro, nele permanecer em mim bem dentro dele, acompanhá-lo para sempre ou mais, ser ele, ir à Sicília, ver Palermo, voltar para casa, a dele, em pleno Bronx, ali ficar compondo músicas ainda mais sublimes do que as que ele conseguira fazer até ali, óperas completas dedicadas a não sei o quê que a nossa imaginação só no futuro iria compor. Na despedida, no terraço ensolarado, nos abraçamos e eu chorei, confesso. E choraria mais por toda a vida por esses desencontros quase que diários, até que uma noite eu pudesse ter alguém ao meu lado, nós dois deitados sobre os lençóis recém-lavados, ainda tépidos pelo ferro de passar, sem nada mais a aspirar além de um sono. Mas nem tudo ainda conseguira ultrapassar aquela noite, eu juro, e já estamos na tarde do dia seguinte no terraço da “Catedral” que de fato era um palácio, eu sei, não nego. Eu dizia que a noite anterior não se cumprira toda ainda, mas é urgente que tal se faça agora, de imediato, para toda a gente que me ouviu, me ouve, me ouvirá no relato que periga até se esfarrinhar, sei lá —, para todos poderem sentir que a vida noturna sempre se refaz, faz frio, não quero mais o anseio por um amante, o que quero mesmo é voltar ao cemitério dos monges medievais no porão da “Catedral” da Fundação americana, capela do século XI — a *Death Chapel* como chamam aqui —, pegar a minha lanterna, verificar se a pilha agüenta até a eternidade, tentar ser um deles, sim,

e agora. Vou passando o foco pelas pinturas restauradas pela Fundação, passando pelas paredes anciãs desse porão; passo bem devagar diante de cada sepultura sem nenhum relevo, apenas encimadas por já pálidas pinturas de crânios, abaixo dois ossos cruzados em xis, não sei se de fêmures, antebraços, sei que ali não quero mais ninguém; deito no chão frio, a lanterna contra um nome desses mortos, não consigo ler, não importa, o que é um nome?, e por que preciso dessa liturgia do avesso se não tenho ministério? —, é, não represento nada; mas, por outro lado, por que a Fundação americana teria mais direitos do que eu na intimidade com esses ossos seculares, o que é o capital entre a aspereza fóssil onde imagino estar tocando alguém dessas paredes que não me metem medo, nada?; para que acumular tanto dinheiro se ninguém precisa dele nem de nada, sou apenas um escritor pretérito, me amanso, não quero criticar nada nem ninguém, sou sombra, nada mais me assusta, provoca minha ira, meu descontentamento. Ouço por perto agora pingar uma água insistente, duvido por um instante de que a Fundação não tivesse tomado providências diante de um vazamento ou de um lençol geológico aqui se derramando, mas já não tenho dúvidas, me levanto com a lanterna em punho, vou ao encontro do som para que as gotas não se tornem uma tortura que me devolva aos vivos... Com uma das mãos tateio que tateio, sinto a pele de um tecido, vejo ser negro, macio, meio sorrateiro, levanto o foco para o rosto, é ele, o *ragazzo* italiano, o mordomo com quem fui para atrás de uma cortina e que agora já não quero; ele pingava a sobra de mijó

na superfície daquele século XI ali tão apertado no porão dos mortos... Eu me afastei, já não quero nada nem ninguém, sou santo, é na Itália que me vem a iluminação, não poderia ter sido na profana Califórnia, agora nem precisarei mais do meu desejo incalculável por todos os homens e por aquela única mulher, a brasileira em Berkeley, a que me fez suar em frêmitos com seu pênis submerso; agora me ajoelho diante do *ragazzo* imagino que com a braguilha aberta, a sua tora de fora, a glânde esticada, lustrosa; falo em meu latim que aprendi no colégio do meu tempo de garoto, falo o que me vem à boca, ocupo em versículos meus lábios, meus dentes, gengivas — não interessa o que tenho pra dizer na língua morta, eu mesmo já estou morto, digo ao *ragazzo* que me esqueça que eu esquecerei seu estupor diante deste louco, o mordomo se afasta e foge, corre, vai gemendo sob a lua até que o vento grosso entre as montanhas congela o seu terror diante da carne que em mim perde seus sentidos, desmaia sobre a laje fria — se ausenta... Entre a queda e o meu despertar, se despertar aqui de fato houve, não aconteceu nada, se nada pode ser chamada a máquina do corpo que bem ou mal quase parando não deu trégua contra o meu desejo de fazer companhia aos monges. Queria que a Fundação americana me enterrasse nos jardins da “Catedral”, para não alterar, é claro, as paredes históricas do porão das tumbas. Eu gostaria, eu juro, eu gostaria de ficar ali naquela paisagem à beira desse lago di Como cercado de montanhas de picos nevados, início dos Alpes, abaixo desse céu azul sem mácula, ouvindo essa voz grossa pela madrugada que nem é mais

do vento passando entre os montes colossais, é uma alegria lombarda que só eu escuto quieto no meu canto sem motivo algum para soltar um ai! Quando acordei ouvi o sino que de hora em hora toca na Bellagio das ruínas e escadarias. Sentei e percebi que tinha perdido o meu próprio fio de história, como se acordasse, num repente, fora da cápsula que me sustentara por anos; pensei na minha idade, vi que isso para mim já não dizia nada, nem o nome que me deram na pia batismal lembrava, se é que em algum dia me deram um nome, um corpo definido, uma imersão no tempo, se é que o tempo ainda não corre para esse ninguém que acabei sendo em meio à Fundação americana; me coço todo como sempre faço em situações assim, tenho ainda meus ovos, apalpo-os, arregoço meu prepúcio, mostro minha glânde para essa escuridão formidável, medieval, meu pau expele um cheiro desagradável de graxas substâncias, fede, sim, pois é: nas catacumbas eu me rendo, não sei exatamente a que ou a quem, me rendo, sei que não quero nem saber se fui idealizado por alguém; se esse alguém existe que me exponha pra ganhar a sua grana num museu em Nova Iorque, em San Francisco, Chicago, ou sei lá, Toronto; que a multidão me veja no repuxo, e tanto faz de que lado o show for visto, não importa nem lamento, sei que ouço uma banda a tocar em procição lá fora, Nino Rota não faria nada mais belo, ah, é Sexta-Feira Santa, as lentas velas do Senhor Morto por ruínas e ruínas, a Madona de roxo, lágrimas em pedras semipreciosas luzindo à luz das velas, mas nada disso nessas alturas me interessa, eu ficarei aqui à espera que encontrem o meu museu

e nele eu possa produzir riquezas só com a minha auto-exposição: eu ali parado no retângulo envidraçado, correntes forçadas de veludo em volta para que não se aproxime tanto, quem sou?, por que provooco tamanha curiosidade alheia?, o que que faço?, se é isso que todos querem ver, enfim, eu sou alguém que nada faz, que nada tem, nem ao menos o seu próprio corpo... Domingo, tarde enevoadá, alguém se dirige ao Museu Guggenheim, Quinta Avenida, Nova Lorque; põe-se na fila, compra o *ticket* para me ver, eu sei que ela me deseja, deseja o tal corpo vazado, sim, o meu, sem nada dentro. Pergunta à guia filipina o nome dessa obra que ela não enxerga direito, na verdade é quase cega se já não o for inteiramente, mostra a bengala fina e esbarranquiçada para a guia filipina que arrisca um espanhol estropiado com a figura cega que já confessara ser de São Paulo; a guia filipina responde numa frase quase cubista em castelhano, a bem dizer sem pé nem tronco, mas a visitante brasileira entende tudo porque foi feita para isso, para entender os que não querem mais ser entendidos, os que já se retiraram do convívio da expressão, são como mudos, vivem do que lhes assoma dentro dos miolos, dizem o necessário pra ganhar o seu sustento, nenhuma palavra entra em seu lazer, se é que suas vidas ainda o comportam. Que lazer comportaria esses dias dominicais exatamente como deveria ser aquele enevoadá, sem nada pra fazer além de um espreguiçar, bocejos, um arrastar de pernas pelo quarto como se convalescendo de uma enfermidade imaginosa? A pessoa ainda tem pela frente vários domingos assim mas vai em frente nem sabe bem pra onde,

dobra a esquina, entra na fila do Guggenheim, compra o seu *ticket* para ver a obra que a filipina não sabe lhe dizer o nome, se é que tem um nome um corpo inexistente apenas a perceber o que se passa em volta além do vidro, que apenas reconhece estar ali para ser visto sem nada o que mostrar, um homem que ficou como que morto nos pores da “Catedral” da Fundação americana à beira do lago di Como, antigo palácio que já hospedara até Da Vinci, sim, na Lombardia, no outro lado do Atlântico, e agora está aqui no Guggenheim, sem que o público incessante se aproxime muito da corrente que o protege desse mundo, ele é um faquir sem assento de pregos nem com fome, que apenas escuta o senso estético na virtualidade máxima do mundo, pois o vidro não é à prova de som e ele escuta, escuta sim quase o tempo todo, mas nada lhe custa nada, e ele inclusive até pode se alhear dos ruídos que assim jamais o mortificam, ele esquece, esquece com facilidade o que ocorre em torno, se refluindo até um ponto onde não chega nada, nem o som, nem o que se chama de a face humana, um sorriso, a tal lágrima furtiva, nada, e fica assim por algum tempo que jamais descobre, pois ao voltar nada se passou, e o mesmíssimo público que permanece ali como que viveu sem saber a eternidade inteira, é disso justamente que vem o fascínio dessa população pela imagem ausente: é que, ao contemplar tais fruidores, o tal ser em exposição imanta-se de todo o tempo favorável que lhe sobra, o favorável, escutem!, expulsando então as ameaças vindouras, bombardeios, aviões suicidas chocando-se contra torres, doenças, traições — e o público aí tem a sensação de

simplesmente não ser apenas mais um entre já tantos, tem a impressão de que se fundiu em harmonia a tudo num segundo, em volta daquele menezrel ali sem melodia, sem aláude, poesia, salvo a natural dos peregrinos já fazendo a volta no quarteirão só para assisti-lo, depois entrando pelo museu com o coração aos pulos, a bem dizer dementes para contemplá-lo no invisível de que foi refeita sua carne que na Lombardia ficou em paz, pra sempre... Há uma mulher na frente dele, sim, a cega, a cega que parece querer vê-lo tanto e tanto que levanta os braços, a bengala cai com estrondo, na ponta dos pés ela fica como se a dançar, gemendo, a guia filipina se aproxima, quer acudi-la mas não sabe ao certo o que pode fazer, se pode, se a cega tomou a enxergar tamanho o espanto diante da minha presença aquém do vidro, muito além da física, igual à presença fraudulenta de um deus atrás da cortina do sacrário, sim, a cega torna a ver, é isso, a multidão a se dispersar da fila parece confirmar o tal fenômeno, todos se põem a tagarelar em volta daquele tabernáculo profano onde eu vivia em meu resíduo agora muito além dali, já de visita ao meu pobre corpo da Lombardia, desintegrando-se já no outono frio, na cera amarelada em que a carne se transforma, meio esmaltada até, parece, nas vésperas de perder enfim sua superfície e chegar aos ossos eles próprios em ruínas: então me vejo aqui em Bellagio já sem saber o que fazer de mim, tenho a intuição de que há muito não saio daqui de onde adivinho os meus despojos no pó que se levanta misturado ao sol que não me anima mais mas me devora, devora-me no ocaso dessa hora que lenta cai atrás daquele monte lá na

frente, com o topo já bem nevado de novo, o vento arrendo em minhas orelhas como se eu ainda as possuísse: estou aqui, só vejo o monte, a noite que rola pela encosta e esconde de mim a imagem que nem sei se tenho ou tive, se não fui um engano... *It's ok, it's ok*, me surpreendi parlando desse jeito num repente. Virei-me, olhei para cima e vi a "Catedral" da Fundação americana plantada no alto da colina da Villa Solti, como o local ainda é chamado nas publicações turísticas expostas pelas ruelas de Bellagio. Virei-me, olhei para a "Catedral" americana, vi que ela continuava ali com toda a sua pompa, não importa, o que importava de fato naquele instante era que eu já pensava em inglês, já não conseguia processar um pensamento que não fosse em inglês, se perguntassem de onde tinha vindo a repentina fluência nessa língua, um cínico que me ouvia cá dentro responderia que eu fora iluminado durante o meu longo, longo sono pelo Espírito Santo — *Holly Ghost*, é lógico, tudo em inglês. Na minha sã consciência eu já achava que não, achava que, durante esse meu interminável sono, tudo o que eu fora levado a conversar com angloparlantes dessa *villa* da Lombardia tinha se blindado de tal modo que não se deixava penetrar mais pelo vírus de nenhuma outra língua, porque é certo, não fora um sono qualquer, eu estava perto de entender —, *I'm interstarding*, é isso, *I'm speaking everything* —, era esse o sono pelo qual os gringos em volta estavam esperando, para que a partir daí eu passasse definitivamente a fazer parte deles, talvez com um disco rígido na mente com o programa inteiro dessa tal de língua inglesa. Tirei algo do bolso, abri

o papel amarelado: era uma foto que custei a identificar... Ali estava eu na tarde ensolarada, camisa aberta ao peito, em primeiro plano numa passcata contra a Alca no verão porto-alegrense, claro, durante o Fórum Social Mundial; eu segurando um cartaz que dizia “Não à Alca” — quem tinha tirado aquela foto, por que agora dentro do meu bolso? Só tinha uma coisa a fazer com ela: apertá-la, apertá-la o suficiente até torná-la uma coisinha ínfima. Assim fiz. E enfi-a sem dor pelo cu. Ali ela ficaria enquanto eu não cagasse, enquanto eu não cagasse ela ficaria como a memória subterrânea de uma tarde de verão em Porto Alegre, não tanto da caminhada em si, mas de uma luz escaldante que não quer passar, tão forte quanto o súbito inglês dentro de mim. Um bela tarde de verão em Porto Alegre —, hein?, quer mais? Confesso que no meu primeiro pen-samento aceitei essa condenação de dominar apenas uma nova e mais do que poderosa língua, não nego. Dias tranquilos com Edwin no Bronx, embarcando todas as tardes no *subway* pra pegar um filme europeu ou brasileiro, iramiano talvez, claro, todos legendados —, pagar os *tickets* com os proventos do meu trabalho traduzido para o inglês, o russo, o japonês, já me sentia no circuito globalizado da ficção impressa em páginas de papel. Subindo a trilha que ia dar na “Catedral” da Fundação, eu dizia que por enquanto pelo menos não queria viver ensaiando palavras virtuais em *sites* juvenis, não; eu viveria um pouco com Edwin, um pouco em Paris, passagens pelo Rio, São Paulo, talvez no próximo Fórum Mundial em Porto Alegre eu aparecesse na caminhada pela Avenida Borges de Medei-

ros com um cartaz em inglês, é óbvio, para que ninguém perdesse a minha mensagem pedindo pelos povos que ainda estavam por vir: não os esqueçam, estão para ser paridos a qualquer momento, não os deixem sozinhos, mas não colonizem demais suas consciências mesmo que a favor de sua permanência e honra, não! Deixem que eles venham à tona com alguma autonomia, vão ver que talvez nem mostrem muito entusiasmo pelas indústrias de consciência de vocês, não, talvez não lhes interesse mais vingar sua existência à força, talvez queiram apenas continuar molhando os pés no Gualba ou no di Como, à noite se podem no melhor traje para ouvirem seus poemas, canções, óperas, sei lá, tudo aquilo que conseguirem erguer na sombra de uma boa árvore como essa aqui já meio desfolhada pelo outono de Bellagio, essa que olho enquanto subo pela trilha e vejo que um novo residente chegou... Ele desce indo para a aldeia, pára, percebo sem maiores surpresas que ele tem o *physique du rôle* do protagonista do romance que vim para escrever aqui e que avança, é ele, é ele sim, pergunto de onde: trata-se de um escritor de Chicago, mais precisamente um *playwright* com quem não precisarei mais flagelar a língua para me fazer entender, é belo o homem, conversamos, ele pergunta sobre o que que eu escrevo, vou lá filosofando em torno do meu personagem de sempre que aparece a cada livro; ele pergunta meio irritado o que acontece de fato nos meus livros, digo que não sei contar talvez porque nada aconteça de fato nessas minhas histórias, mas conte, conte o que de fato acontece nesse não-acontecer —, nada, pára!, respondo no meu inglês ir-

retocável, de um golpe entendendo na pele o *mood* americano para a ação, tá certo, fora da ação eles não ficam muito tempo, querem sempre o movimento em progressão, mais e mais, e mais ainda, não importa para quê, se para matar, dominar, construir, morrer, salvar, amar, mas que se siga adiante; esse escritor americano por exemplo na minha frente só tem um desafio a fazer a seus alunos na Universidade de Chicago, ele conta: não quero saber do sentido dessas coisas que os personagens fazem, a pergunta é: o que acontece, o que acontece, contem, contem, o resto é ninharia para enrolar a fome intelectual dos povos subalternos; não adianta tentar arrancar à força sem anestesia o estrato da morte ou de outra inércia menos grave; só o que transporece na sua velocidade genuína é o que interessa para os outros. Eu quase que me encolho diante das assertivas dele, os meus romances então não passam de seqüelas do subdesenvolvimento, esses personagens um tanto crônicos que faço, que não sabem nem para onde ir, se for verdade que procuram algum caminho; ainda não encontraram nem ao menos a técnica mais elemental da vida, ou seja, não sabem como lançar a intenção num gesto claro, soberano, preciso — só assim, diz ele, o cara se destaca da natureza e passa a cavar seu próprio entredo. *Sure, sure*, respondo num assomo de lucidez suprema pegando do bolso do sobretudo a máquina coagulante com a qual fotografarei, se ele permitir, a sua beleza rude; como um personagem entre a indiferença e a complacência, ele permite, se deixa fotografar e noto que ele está mais para o meu personagem mesmo do que para qualquer coisa que eu tenha visto an-

tes, porque ele goza, esporra, sim!, ao clique da minha máquina: noto que está molhado na virilha, a petulância do seu púbis já se encolhendo —, *it finished*, já o fotografei em pleno êxtase por se deixar penetrar assim pelo meu foco, sim, é ele sim o meu personagem, o meu personagem é feito de sua carne, a carne que agora se acalma passando a mão na braguiinha para testemunhar que tudo já voltou a seu normal; e ele então continua o seu caminho, desce, desce em direção à cidadezinha de Bellagio que ele verá pela primeira vez, por certo... Ah, continuo tendo o meu quarto e ao lado dele o meu estúdio, continuo tendo a mesma vista da janela, o mesmo lago di Como, a mesma barca que o atravessa, a mesma balsa com os belos e lustrosos carros italianos, as montanhas em torno, sim, as mesmas, não me extraviei de nada, continuo aqui tendo a escrita do meu livro pela frente, só não lembro a data em que cheguei, quando retornarei a Porto Alegre, para as águas barrentas do Guaíba, para as minhas caminhadas a partir da Usina do Gasômetro até a Praça da Matriz, descendo aí para a Praça da Alfândega, e ao entrar no Shopping Rua da Praia contar quantos garotos de programa estão postados nas imediações da portaria, quantos homens maduros, mesmo velhos a rondar por ali farejando a companhia de um deles, mas qual deles?, há tantos — então os mestres grilos sentam por ali, alguns no café do McDonald's, logo ao lado do vidro para a rua, um aquário não para quem cobiça a carne mas a grana desses mestres sem lição aparente para partilhar, a folhear jornais e revistas disponíveis; um deles, cavanhaque azulado, diante de um livro de poemas, Au-

den, dá para ler ao se chegar mais perto; muitos ficam a esperar a sorte grande de um garoto sentados num banco da praça ao lado de ancestrais amigos que ali fazem o mesmo, fariam o gozo dessa tarde que já vai em meio — há hotéis nos arredores, cobram pouco por um quarto, quase nada, o movimento é grande, grande a rotatividade, o garoto pede quase sempre o pagamento antes do encontro, o homem maduro então revive sempre os mesmos gestos, como se fosse a mesma lenda a se desenrolar em todo o fim de tarde: o jovem permanece de pé, o homem se ajoelha, abre pouco a pouco a calça hirta do rapaz que também sabe de cor aquele ritual de poucas palavras, se é que existe alguma ainda a ser dita: para que palavras se esse silêncio entrecortado de respirações fora do ritmo é o suficiente para abrir com lentidão medida a calça do rapaz que agora começa de fato a responder, reage ajudando o mestre que espera com os lábios entreabertos esse exato instante em que a fera vai em frente e se estremece na garganta desse velho sábio demente... Eu ando como sempre por esse *shopping* com o ar um tanto alheio, às vezes uma ou outra careta para quem me olha em demasia, sobretudo para os mesmos seguranças, esses que se lixem, quero só ser invisível, não me deixam, e então vou pro banheiro mais imundo, me tranco e bato uma punheta a me ferir a pical, voltando logo para dormir no meu horário de hospital, puro, casto, santo como sempre fui até chegar a Bellagio e me sentir um outro por esse corredor por onde vou para o meu quarto, parando diante da porta de Edwin para confirmar maníaco se de fato o cara já partiu em lazer para a

Sicília —, faço meus cálculos pra ver se já deu para ter retornado a Nova Iorque criando suas canções românticas: paro diante da porta que foi a dele e vejo agora o nome Mr. Lovell, ah, o escritor que acabou de se comunicar com o meu repentino inglês fluente, tão fluente que de seu corpo deslizou o sêmen que não pôde seguir as conveniências ao se arremessar sem seu dono mesmo se dar conta: depois vim a saber que Mr. Lovell era casado com uma alemã da pesada, cineasta da desmemória entre bêbados e drogados que acordam sem saber como foram dar ali naquele quarto, um pires com leite para algum bichano no chão, ao pé da cama; a câmara vai pegando a brancura do leite, nele se afoga —, Mr. Lovell, eu cochicho para o cartão que exhibe o seu nome tendo nas bordas uma pequena moldura dourada igual à minha na porta do meu quarto; quando encontro ali meu nome sei que ainda estou vivo e em Bellagio, porque em nenhuma outra porta do mundo teria o meu nome exposto assim frontal, inequívoco, ardendo na presença de seu dono, ardendo inutilmente... Olho o meu próprio corpo, vejo que continuo o mesmo, uma quimera em carne viva, louco como em Porto Alegre pra me jogar na cama e meditar sobre a delicadeza de um outro homem, dessa vez é Edwin —, e pensar que a máfia em Nova Iorque não cravou suas marcas no seu gênio! E o que ele sabia me contar além da música era isso: à noite, ele dizia brincando com sua gravata italiana, à noite, meio que adormecendo tento aprender teu nome e o repito, repito sem saber ao certo se ele é de fato o mesmo que ouvi da sua boca num dos corredores da “Catedral”,

— eu quase grito deitado no meu quarto, ouvindo no rádio um cara da RAI, sempre a RAI, falando que falando no seu programa cultural dos sábados, dessa vez entrevistando alguém sobre as chagas do Brasil concentradas agora no meu dente que pega a latejar, doer, fazendo me cobrir inteiro debaixo das cobertas. Sei com toda a certeza de que estou de novo no meu corpo e que ele dói, dói tudo o que tinha pra doer, até que eu me levante, vá tomar uma ducha e depois nu diante do espelho me aperceba de que o meu corpo já cansou da dor, pra sempre, que ele triunfou, é belo, com ele eu poderia conviver o resto dos meus dias, mesmo que esses dias se somassem em séculos; conviver com ele feito agora trazendo para trás o meu prepúcio, examinando a minha glândula, olhando no espelho pros meus olhos, meu nariz, a boca, os dentes que não sabem o que é doer há muito, muito mesmo, eu já conheço esse meu corpo inteiro, e nele virá alguém, eu espero, e o fará sentir aquilo com que eu já nem contava mais tocando nesse outro, nesse aqui agora assim tão branco quanto eu próprio, magro, veias salientes, a franja recuada para que a testa toda, os olhos, o sorriso sejam beijados e morram outra vez, mais outra e outra... Eu me debato agora, corro pelo quarto como se numa dança afro, bato com a cabeça na parede porque só consigo pensar em inglês, o que treino pra dizer no imaginário para alguém já sai corrido nessa língua como se o idioma tivesse pressa de chegar para vencer meu português, matar o meu ofício, a minha ocupação — me de-

portar no primeiro vôo de Milão para São Paulo, para eu descer em Porto Alegre como um gringo desvalido, sem saber o que fazer de mim numa cidade que eu já não reconheço, não sei meu endereço, não lembro de parente, se perguntam onde fica essa tal rua eu nada entendo, se sou eu a perguntar alguma coisa é a outra pessoa a me olhar sem dar rumo ao pensamento, o inglês é a minha língua de repente, não poderei sobreviver com meu gasto português já esquecido, abro as janelas, penso o que fazer, se me joga no di Como, se volto correndo pro Brasil até que vejo que vem vindo o escritor de Chicago, o tal do Lovell que esportou diante do meu inglês em riste, agora ele volta da aldeia de Bellagio, olha pra cima, pergunta se não quero tomar umas e outras com ele no seu quarto, não penso duas vezes e já estou sentado numa das poltronas do aposento que abrigou John Kennedy antes de ele ser John Kennedy, lá pelos anos 40 aqui já era uma fábrica de líderes, ou seja, o grande capital americano formando suas futuras lideranças de Washington em Bellagio, uma verdadeira incubadora, e por engano fui dar ali, o que fazer, prossigo? Sim, não há escolha, olho para os quadros renascentistas, o espelho com moldura cheia de arabescos onde ele devia se mirar estudando o seu futuro em cena, não, não havia ainda Jackie no pedaço, John era mocinho, dizem que jogava tênis na quadra dos jardins lá em cima da colina por onde eu passava todo o dia de manhã suado e na corrida, para que a circulação sanguínea me ajudasse no aprender inglês pra conversar com os outros hóspedes desse Centro; de fato ela acabou me respondendo, quem?, a

tal circulação em plena forma, ela me deu o inglês de ban-deja, eu sei, foi ela, foi ela a responsável pelo brilho do idioma que ostento como uma segunda natureza, o idioma que me fará ser outro, um líder como o foi o antigo hóspede desse quarto, vou levar um tiro bem na nuca sem esposa que possa segurar meus miolos e os erguer acima das narinas, eu brindo com Lovell, o airoso som das taças de champagne se tocando, sim, brindamos, só encosto a borda da taça nos lábios, não bebo gota, continuarei na minha ascensão para desfrutar mais tarde das glórias da Potência, não sou mais brasileiro, freqüento o mesmo quarto de Kennedy na sua juventude, eu também ainda sou um moço, tenho o tempo a meu favor, terei meus livros em qualquer livraria do Hemisfério Norte em todos os idiomas mas o aroma do champagne me dá uma caganeira, periga eu ser uma gata borralheira passada a meia-noite, corro até o banheiro do quarto de Mr. Lovell, me exauro, fico magrinho, bem magrinho como se não tivesse mais nada o que cagar no meu resto de vida; faço esforço pra me levantar, olho-me no espelho, digo à minha imagem que sou mais o Mr. Lovell do que ele próprio algum dia projetou ser lá dentro dele; o espelho parece querer ver a minha caveira: mostra-me doente, a boca seca, a palidez impressionante, parece que desse jeito esquecerei o meu inglês voltando ao meu já saturado português, ah, me viro contra o espelho, limpo a bunda e o papel higiênico volta de lá com sangue, estou mal, estou morrendo nos aposentos de Kennedy — de que adianta a realza?, voltarei para meu próprio quarto palaciano e volto mesmo, Mr. Lovell não compreende nada,

ainda ouço ele puxar a descarga pois esqueci a merda toda lá dentro com certeza, puxa mais uma vez, mais outra, entro no meu quarto e já não ouço nada, caio no tapete, vomito o que me sobra, é ralo, quase nada — perco os sentidos com a sensação de estar num vôo rumo ao Brasil onde todos os santos haverão de me ajudar mas eu já nem sei se quero estar lá, aqui ou no inferno... Quando acordo me vem de novo o inglês, *sunny day, never mind* e todas as expressões em que eu antes tropeçava com veemente insistência sem saber por quê. Levanto, olho mais uma vez para a imponência cansativa da paisagem à frente, estou febril, tenho sede, se sede ainda posso chamar o vácuo onde caberia não só água mas comida, pedras, barro, e todas as promessas mastigadas nesses anos todos —, não quero mais ficar aqui nem um só dia, se é que vão me deixar sair, agora é tarde, só entendo o inglês, mas na Itália o português teria mais utilidade: um dia fui pedir a *small coke* e me vieram com um vaso de porcelana, não digo nada, pago pelo vaso, vou em frente, na primeira ruela de degraus eu desço e jogo o vaso escada abaixo. Uma mulher se assusta, fica hirta rente à parede cor de telha, eu me aproximo, abro sua gabardine, seus braços estão em cruz, vejo a máquina de fotografar dependurada ao peito, seu inchnume de álcool e massas que deve estar comendo muito aqui, quem é? — diz ser mulher do arquiteto australiano, chegou há pouco em Bellagio para encontrá-lo e irem juntos a Paris; o arquiteto australiano sei muito bem quem é, encontro-o pelos corredores, parece de tão pouco falar quanto eu, embora odeie Niemeyer diz que gostaria de conhecer o Brasil, diz

todas as bobagens que todo mundo diz em volta de um piano, após o jantar engravado e com o copo de uísque na mão. Eu abro a gabardine da australiana em pânico, digo que andei bebendo, uma mentira pois não ponho pingo de álcool na boca há anos, ela é quase bela não fosse o seu inchiume, fala até a morte sobre qualquer coisa, digo que abri sua gabardine para que ela pudesse sair do seu mal súbito, digo que quero agora velar os mortos em algum cemitério que encontrar, pergunto se ela me acompanha, é tão bom falar inglês sem ter de precisar de outra língua que vou falando sempre em frente, sei que ela me entende às mil maravilhas e que gostaria de entrar na conversação mas não dou brecha, já que quiseram que assim fosse o inglês agora é todo meu, só meu, eu a puxo pelo braço em busca de um cemitério, conto que sou um ex-morto, que já visitei os infernos mas me encontro novamente dentro desse corpo, ela quer, em certa pausa desavisada minha, quer saber como é que um morto pode estar aqui puxando pelo braço dela, levando-a assim pelas aléias desse cemitério que encontramos: como finado sou um pouco menos do que eu, confesso, mas continuo vivo, emendo, só que quando penso estar no passado é no presente que me vejo, quantas vezes penso estar vivendo agora e quando me apercebo ainda estou por ter a experiência no futuro, ah, não imaginas a confusão de instantes, tudo anda amalgamado em mim, em mim tudo é pura massa informe, sem face que me distinga entre os demais. Só você me vê como de fato sou, sou este, e comigo assim visitaremos cada sepultura, uma a uma, e a vida que às vezes parece ser feroz se

aquieta entre nós dois, vem cá, relaxa... Por essas noites, talvez algumas mais, mais outras, teremos o abrigo da Fundação americana. Clamo que ela venha comigo subir a tal colina da chamada "Catedral", que não se esqueça de que esse brasileiro quis seu bem, que ele não é um terrorista, nada disso, não mata uma mosca, em paz vive consigo e agora quer dormir tristonho... A australiana pára no meio da trilha para a "Catedral", diz que seu marido é chato, pouco fala, só se queixa. Havia alguma coisa no ar que eu não conseguia pegar. Seu marido é chato, e eu com isso? Que fôssemos nós dois para Bérnago, ela me convida. Quem sabe lá nos convertêssemos não necessariamente para a religião católica que eu, como brasileiro, certamente já o fosse, pelo menos já devia ter sido alguma vez na vida. Que nos convertêssemos enfim para alguma coisa que nos tirasse os pés da lama. *Capire?*, ela falou pra demonstrar sua adequação ao meio onde tentava estar. *Capire*, murmurei, *capire*, e recomencei a andar pela trilha olhando a noite clara —, era realmente bem clara naquela época do ano em Bellagio. Para falar a verdade, eu já subia aquela trilha mais uma vez sozinho, a australiana tinha me escapado como geralmente tudo, eu teria de me virar sozinho a partir de agora, não resolvia nada resmungar exclusivamente em inglês, já não podia adivinhar se isso me adiantaria de alguma coisa um dia lá na frente. Igual à australiana que sumira de repente, eu também sumira dela, e talvez esse seria o destino de agora em diante para os habitantes dessa terra: continuariam a se freqüentar, na certa, mas tudo bem avulso, só algumas instituições como a da Fundação americana re-

sistiriam firmes como pedra; os seus residentes como eu agora seríamos todos como óbitos a curtíssimo prazo, ninguém saberia de ninguém por muito tempo, as crianças cresceriam num plano outro do que tínhamos conhecido até aqui: plantariam suas sementes desde cedo, colheriam após um, dois anos seus proventos, não precisariam dos adultos, não, por muito tempo: aos dez, onze anos já seriam elas próprias adultas, antes de menstruarem ou terem esperma pra jorrar ficariam pelos cantos se roçando, se roçando, até estarem prontas pra gerar. O jovem macho então se lamberia ainda ávido e voltaria para o seu ponto de caça em alguma esquina, enquanto a jovem fêmea, lânguida de bêbada se deixaria lamber pelo filhote, assim —, até acordar... Ficavam encolhidas umas com as outras essas crianças, se escondiam em ruelas fétidas do lixo de instituições como essa daqui onde entro agora, sabendo que uma vez entrando nela já não tenho como prescindir do seu abrigo. Vou direto para o meu quarto, antes procuro investigar se a porta ainda mostra o meu nome — está ali, suado pra chegar até esse dia nessa pompa, tendo como moldura uma fina linha dourada cheia de voltinhas, de meandros, ah, entro aliviado no meu quarto, vejo que ele é meu ainda, na cama preparada a coberta dobrada com distinção numa das pontas superiores; levanto-a, olho por baixo, vejo mais uma vez que há dois cobertores, lá superior, bem lisinha, lençol de linho, travesseiros fartos. Antes de deitar ligo o radinho que trouxe comigo do Brasil, sabendo que aqui eu teria vida de convento, sem TV ou rádio no quarto, sem nada que me dispersasse da séria tare-

fa a que me propus: um livro que se produz quase sozinho — é só sentar à frente do meu *laptop* e pronto, lá vem a história que eu não conhecia ainda, é isso, a história que eles querem que eu faça: conte uma história, não complique: alguma coisa que dê para amanhã mostrar pros nossos filhos, netos quem sabe; o certo é que já estarão bem longe das letras, e então pra fixar-lhes a atenção é necessário contar direito o que se passou, sem a sombra do caos de onde viemos, pois no ambiente uterino tudo é caos, e não é de regressão que eles precisam, é de muito mais, de um mundo que desdiga o nosso — quem me fala essas coisas é aquele que todos chamam de o “Bispo” da Fundação. É uma espécie de diretor da *villa*, eu relembro e ele continua: necessário descascar as sombras e chegar como um milagre ao ponto, esse ponto que os americanos souberam expor com galhardia durante o século passado, ao aparecer por exemplo alguém como Hemingway, provando que o estilo só se estabelece quando se o esquece. Falei boa-noite... Ele tentou um movimento em minha direção, me bafegando mau hálito dentro de suas vestes eclesiais, tudo em púrpura ou vermelho, sei lá —, naqueles corredores os corpos eram sempre penumbrosos, como se a luz de fora ali se recolhesse para com mais força se irradiar nos principais quartos e estúdios; andando meio manco pelo corredor — coisa que eu fazia às vezes, a fraudar meus rastros, esperando receber uma espécie de salvo-conduto da humanidade diante da minha insuficiência —, pelo corredor senti o “Bispo” me seguindo como sempre. Deu para chegar com vida diante do meu nome à porta do meu quarto,

quando afirmei, queixo contra o peito pra despistar algum sinal que surgia pouco a pouco em mim e me comprometeria, disse que amanhã faria mais duas páginas, que esperasse para ver a síntese pulsando ali, sem nenhum enfeite, sem nada que a maculasse; que bom, ele respondeu, que bom, até amanhã, tenha um bom sono, leve a bom termo a vida de suas páginas! Ah, quase me esqueço de contar: antes ainda passei por um quarto onde duas mulheres de uma universidade de Boston, uma argentina e uma americana, posavam deitadas numa cama de casal, nuas; posavam para uma fotógrafa lésbica que conheci na aldeia de Bellagio, outra chamada Cosima, que mostrou vários ensaios fotográficos de mulheres nuas para mim num bar chamado La Divina Commedia, um bar dividido, em seu pequeno espaço, nas três estações do poeta; nos encontrávamos justamente no purgatório —, onde mais apropriado seria para nós dois?, pois ambos vivíamos procurando alguém que nos desse a razão para estancar a compulsão por praticamente todos os outros corpos iguais ao nosso — esse alguém que esperávamos acontecer e assim de súbito nos conduzisse ao pomar da cama, um outro alguém do mesmo gênero, é certo, pois essa adição do mesmo nos inspirava mais a pele, nossa fonte arcaica de afeição, desde o dia longínquo em que tocamos nosso púbis pela primeira vez sem a intenção de usá-lo para mijar, quando o gozo que até ali não viera em plenitude nos arrebarou justo da nossa própria forma para outra idêntica; era nesse campo que eu jogaria e Cosima também, algo que até ali só podíamos imaginar no prazer subentendido nos vértices púberes do

sono. Sei que ao passar pelo tal quarto notei que era aniversário de uma delas, pois vinha dali a canção “Las mananiras”, uma canção de aniversário em alguns países do México pra baixo —, sim, eles despertam o aniversariante com essa música, também no Dia das Mães, no dia do santo onomástico, contou-me uma venezuelana artista plástica que estive na Fundação por um relâmpago: tais versos podem ser cantados para a mãe que em sua data é acordada pelos filhos com essas insinuações poéticas tão segredadas que nelas sempre cabe mais do que o previsto, desde que não se saiba de que berço vieram, se nasceram de encomenda ou de parto fortuito: basta que se aceite o fato de a canção ter sido roubada de seu silêncio, ela retira sua beleza justamente desse furto, talvez não haja mais nada a lembrar do primeiro murmúrio de onde foi se extraindo a sua singeleza, essa dona poesia que talvez nos acompanhe muito além da sepultura, por que não?, perguntou-me uma vez a fotógrafa lésbica, a loira Cosima, por que não, hein?, me diz por quê?, ela insistia desenhando com o dedo pelo ar uma linha imaginária que eu acompanhava enquanto sentia um formigamento pelo meu baixo-ventre, como se me libertasse, enfim, da minha própria forma. Entrei no quarto, incontinênti liguei o rádio como sempre, na mesma RAI em que discutiam tantos assuntos culturais, políticos, e que às vezes também trazia música — Schubert, Nino Rota, Jobim, Elis e tantos outros que a torto e a direito davam o espaço que deveria ser só deles para tagarelas recitarem em italiano suas bobagens acerca da vida dos tais músicos e outros, outros mais, mais outros —, sem-

pre há um maestro por perto, uma cantora lírica e não sei mais quem para discursar sobre a biografia e detalhes da obra daqueles que se apresentam para oferecer tão-só a chispa para o prosaico palheiro! Cavalos relinchando sob relâmpagos, trovões continentais, só isso calaria a voz que tergiversa em cima dessa cantata de Bach onde me aquieto e adormeço. Acordo. Sento. O que fazer? Dessa vez tocam uma música hindu; saí da cama, sentei no tapete e pus-me em pranto feito um bebê chorão, o choro vinha inflado de uma alegria insana, alegria que eu só podia receber numa profusão de lágrimas, ouvindo o eterno sino da igreja medieval tocar as horas, não mais que duas, três badaladas, elas me bastavam nessa exata duração, não mais que isso, só para lembrar da onda passageira em que estamos, próximos, bem próximos de chegar à praia... Eu por mim nem dormia mais àquela noite, ficava de vigília no castelo, pois algum sinal ainda incipiente parecia me dizer que não recusasse da minha consciência, que mantivesse meu inglês na guarda; antes que o galo cantasse eu ouviria de novo "Las mañanitas", dessa vez ao pé do meu ouvido, dessa vez convidando-me a despertar não para os meus anos e sim cinicamente para o cadafalso; mas se eu quisesse fugir ainda tinha tempo, agora, depois ninguém haveria de querer me ajudar, nem haveria alma para isso. Sorri, alisei as cobertas, me despi, acho que nem era mais a mesma noite, acho que não. Era essa a minha hora predileta, me preparar para uma ausência consentida, sem causar nenhuma espécie de transtorno, só o privilégio de me dar a pausa, um arrefecimento dos sentidos, ah, e sem saber se have-

rá um outro dia, se dessa cama eu saírei com vida, ah, não existe modo mais intenso de aventura, é mais do que subir até o topo do monte mais gelado, é mais do que descer para o abraço do pélagio mais profundo: deitar, adormecer é não contar nem com socorro, pois ninguém pode velar por mim enquanto que por esse estado me incursiono. Não se ouviam os sons abafados de outros hóspedes, aquele surdo toque na parede ao lado, a porta do armário que teimosa e rangue, nada se ouvia, parecia a véspera do fim do mundo, pelo menos desse aqui cercado de todo esse conforto, as refeições na hora certa, três pratos anunciados no menu do jantar, a sobrementes, todos os jardins disponíveis para as caminhadas mais reparadoras, o quase inaudível murmurar da fonte, tudo isso parecia a ponto de se apagar na noite. De amanhã em diante eu dependeria só de mim, queria ver se ainda disporia do reembolso da passagem que a Fundação americana me garantiria para a véspera do meu retorno, para chegar com algum em Porto Alegre, me dirigir ao meu apartamento sem ter como me comunicar com a esmagadora maioria monoglota dos vizinhos, só eu no meu inglês sozinho pela sala, se é que ainda tinha o apartamento ou se alguma vez esse recinto foi de verdade ou não passou de um pensamento desejante como diz esse inglês que, traícoeiro, não quer me deixar de novo só com o português —, poxa, se o português ao menos retornasse, se eu pudesse me virar novamente em Porto Alegre, procurar alguns amigos, um ou dois parentes, pedir emprego numa livraria, quem sabe, começar tudo de novo, voltar a ser aquele que eu era antes de me meter em Berkeley e

Bellagio, um cara a viver sem realidade maciça a não ser para alguns leitores, que vinha e ia de lá para cá pelo centro da cidade sem antever o endereço que queria alcançar, se é que esse endereço algum dia estará pronto, o que é bem pouco provável, aceito: mas ando, ando para encontrar em Porto Alegre em mais essa manhã o garoto bonito que serve o meu café e para quem já dei todos os meus livros; ele comenta discreto suas leituras, não sei se realmente os leu ou quanto, o que careço mesmo é de levá-lo para casa, perguntar o que quer que eu traga, fatia de torta, champagne, sanduíche, pastel, um sonho... Ele nada quer, apenas tira os sapatos, delta-se na cama, dorme, geme quiçá num pesadelo, vomita um pouco sobre as iniciais do meu pai na fronha, eu torno providências, busco uma toalha úmida, retiro a pasta amarelada de cima dessas iniciais que nem lembrava mais, sou puro, vivo para o outro, não faço mais sexo, só filantropia íntima, sou só um dissidente de um sáitro atrevido, daquele velho sáitro demente. *Bongiorno*, alguém me acorda, ei!, abro os olhos e não há ninguém —, levanto, abro as cortinas, vejo a mesma paisagem cansativamente imponente dos Alpes, ah, certo, é essa a hora de enfentar o dia, na *early morning*, eu sei, mas não ouço “Las manñanitas” que esperava ouvir quando acordasse hoje, e hoje é meu aniversário?, me pergunto e digo sim, é hoje, faço tantos anos que já me perdi na conta, olho-me ao espelho, vejo um cara forte ainda, não digo que bonito mas ainda no ponto para um corpo-a-corpo com outro alguém na cama —, mas não entendo, ah não entendo mais esses corpos engatados a rolar sobre os lençóis, não os

entendo desde quando entrei na casa dos mortos, você sabe, aquela vez em que recusei a ordenha no corpo do *ragazzo* no escuro cômodo dos monges medievais, desde quando senti em meu próprio corpo a falta de desejo para um outro, e então me aliviei ali em branco, no século XI me senti com menos um dos fardos, estava agora alforriado de qualquer paixão carnal, liberto enfim dessa procura infame por outro macho. Agora aqui, na frente desse espelho me vejo novamente ardente, quisera não sentir mais nada, voar pra Porto Alegre e adentrar pelos umbrais daquela fase em que sabemos que já vimos tudo, não há muito mais, nem mesmo em sonhos. Vou para o banho, visto a roupa mais bonita, corto as unhas, arrumo enfim as malas e vou em frente para o gabinete do “Bispo” da Fundação, o bondoso homem. Ele está sentado junto à lareira acesa, a sua mulher (sim, tem uma, mesmo que o homem não largue suas vistosas vestes eclesiais) lendo um policial israelense, a filha adolescente na janela, cabeleira loira indo até as nádegas para assim “melhor dançar a salsa”. O “Bispo” levanta-se, me passa num envelope o reembolso das passagens como o prometido: me passa o envelope alisando a minha mão com tal subentendida empáfia que me sinto pertencer a ele como um cão campestre que parte para a caça mas que voltará, voltará trazendo à boca a carne inocente de seu livro. Na sala ao lado não há ninguém para o *breakfast*, ao contrário de outras manhãs quando ao descer as escadas mal saído do sono ouvia o vozerio dos convivas, o *morning, morning* de todas as alvoradas... Pois hoje já não havia ninguém, nem os garçons, nem o próprio *breakfast*, nada de nada, a

“Catedral” vazia (o negócio tinha quebrado?)... Olhei para o envelope que acabara de pegar, pensei que eu estava com sorte de terem devolvido o meu dinheiro. É a Fundação em grave crise?, ocorreu-me perguntar em meio àqueles aposentos mudos, mil corredores desertos, mas seria uma pergunta tão grosseira que preferi aceitar o enigma, enfiar o envelope no bolso, partir para o aeroporto de Milão, chegar ao Brasil pelo aeroporto de Guarulhos, outro vôo para Porto Alegre. Um Mercedes em frente ao castelo me esperava; ainda havia, estranhei, o mordomo para pegar minhas malas e acomodá-las dentro do carro, sim, era o mordomo cuja carne eu tinha devorado e que se me deixassem eu devoraria mais uma vez atrás das moitas do bosque à minha frente, o bosque de sempre, mas já sem os jatos d’água que saíam em profílicas torrentes sobre a grama em todas as manhãs a essa hora. O tesaço reflorrescia? Eu não era mais o fantasma de Berkeley que o vento frio de noites idas me assoprara? O fantasma de Berkeley estava mesmo era lá dentro, prisioneiro na “Catedral” da Fundação já vazia de *scholars*. Entro no carro, divago que o *ragazzo* deve ser um mordomo daqueles bem féis, que acompanhavam a derrota do dono até o fim, isso!, quando se transformam no autor do crime, sempre a mesma história, o mundo precisaria de fôlego se quisesse mesmo mudar para melhor em alguma coisa — o carro vai descendo pelas trilhas arenosas que levam ao portão da entrada, vai me levar ao aeroporto de Malpensa, sei que quando chegar o motorista me acompanhará até a fila do *check-in* com as mãos ocupadas pela minha bagagem, enquanto eu apenas

faço o principal, o que ninguém talvez possa fazer por mim. Quando ele repousa as malas em volta dos meus pés com-vez e certamente para sempre como todo mundo, sem mordomia, pegando o peso da minha própria carga, talvez com a língua inglesa a me sair em golfadas e com resíduos do almoço, jantar — ainda conseguirei então algum trabalho a mais, no mundo inteiro todos precisam de alguém que fale inglês, não ficarei desempregado agora, terei o que comer, como manter meu apartamento que não estou certo de encontrar vazio como o deixei antes de encerrar a “Catedral”, a essa hora já longe lá no alto da colina: quando chegar a Porto Alegre vou ver se minha casa não está sendo habitada por algum sem-teto, há tantos por lá, tantos, eu mesmo já fui um deles — só aí verei como me safar da situação sem contar com o meu velho português, hoje apenas um fantasma arrancado do meu instrumental fonético; deverá por certo estar perdido por aí, sofrendo, sem ter onde encarnar, ninguém o quer lá pras bandas onde deverá estar vagando, ah, faço o *check-in*, digo pra moça que estou voltando pra casa, sempre que for a Porto Alegre me avise, estarei no aeroporto na hora combinada, quero prestar favores nem se os impor à força, não faz mal, sou um servicial, além das minhas próprias malas quero carregar agora o mundo inteiro às costas, um Atlas desvalido, tudo bem, mas com uma boa vontade que lhe assoma tão forte de repente que ele só tem tempo mesmo de tentar levar o mundo às costas, entende? Mostra o passaporte, passa pelo detector de metais ou até quem sabe o de mentiras, olha

mais uma vez no painel eletrônico a confirmação da hora do seu vôo, tudo ok, em cima, agora é só sentar em torno de bordas de árabes ou assemelhados com suas mulheres silenciosas, algumas de lenço na cabeça —, eles cheiram à fuga, hindus agora chegam, são todos fugitivos?, penso eu, o que aconteceu no mundo nesse tempo em que vivi na Fundação americana sem TV disponível, sem procurar saber das circunstâncias momentâneas do resto do planeta, o que houve que não param de chegar aos montes esses peregrinos do além-fronteiras? Ouço uma aeromoça da American Airlines comentando com outra que essa gente se dirige a Porto Alegre no Brasil que lhes dará asilo, sim, é fato: compro um jornal inglês, é isso mesmo, levas de migrações, “depois do desastre”(?), rumo a Porto Alegre, “extremo sul do Brasil”, cidade que costuma sediar o Fórum Social Mundial e que passará a ouvir mais e mais línguas: afegãos, palestinos, hindus, africanos darão novo molho à algaravia das minhas velhas artérias de arrabalde, tentarão quem sabe no início abocanhar o sustento com seus cânticos de origem pela rua da Praia, Borges de Medeiros, Largo Glênio Peres. Conseguirão? Por que Porto Alegre e não uma metrópole de um país rico?, pergunto aos meus botões e faço que adormeço à espera da chamada para o vôo. E por que tanto adormeço ou faço de conta quê? É vício ou modo de fugir das circunstâncias? Espero aqui fugir do quê? De uma reviravolta, do desconcerto das nações que eu perdi nos meus cochilos no quarto de Bellagio? Ah, foi o sertão que agora virou mar, foi isso? Dói-me a cabeça. Aperto-a, aperto-a como se quisesse esmigalhá-

la. Os acontecimentos me ultrapassaram de forma incalculável lá na Villa Soliti. Quando ouvia os tagarelas italianos nos intervalos entre as músicas discutindo o sexo das escaldas, aproveitava que não era em português e descansava da semântica, como costumava fazer nas refeições do palácio antes de ser inundado pelo inglês. Melhor que eu abra os olhos, depressa, que procure saber um pouco de cada cidadão em volta, sim, ligeiro e sem receio porque a vida sempre está com pressa, essa é a sina, correr atrás do tempo, tentar fazer mais e mais laços, porque do contrário volto a Porto Alegre e vou morrer sozinho com meu inglês saindo aos borbotões inutilmente; ninguém virá com tradutor em minha casa, mesmo que eu esteja no meu leito de morte; e depois, de que adianta dormir em minha cama se quando acordo não tenho ninguém pra quem dizer bom-dia, até amanhã talvez? Armo um sorriso para a menininha afegã ou avizinhada, ela não responde, eles são sérios, não digo sérios, mas vivem no semblante essa tensão da mudança de país; serci um guia para ela, um pai se ela não o tiver, ou pelo menos um tio mais velho, carregado de sabedoria e que lhe dirá coisas como pode ir, cuidado, não exagera! A menininha não responde; como não conseguir ler o pensamento de uma criança tão novinha?, ela nem ao menos me olha como todas as crianças que pegam a te olhar quando começam na rua ou no ônibus com micagens; eu sorrio, boto a língua, faço um balão com as bochechas, não sei o que mais, não adianta, ela não voltou a me olhar, encostou o rosto na saia longa da mãe e fica ali escondida para o resto, não quer saber de nada, de ninguém, como se reclu-

sa em sua gruta, no cheiro de sua mãe, na sua verdade inteira, sem compromisso com ninguém de fora. Eu seria seu tutor se ela quisesse; em Porto Alegre precisará da minha ajuda, ela é que não sabe; sei onde comprar as mais belas frutas no Mercado do centro da cidade, aquelas com o preço mais em conta; onde será que irão alojá-los, na Vila do IAPI, em Cachoeirinha, na Cavallhada, na Usina do Gasômetro, onde, hein? Mas a criança não quer saber de mim nem nada, aqueles blocos humanos em minha volta parecem temer os estrangeiros e no entanto é para uma terra estranha que eles estão se dirigindo, justo a minha, onde nasci, me criei, vivo sozinho. Se eu fosse visitá-la todos os domingos à tardinha, essa menina teria um novo amigo que pegaria o ônibus no centro da cidade, desceria na parada próxima à casa dela, atravessaria a várzea onde garotos jogam bola com enormes palavras, bateria palmas ao chegar à cerca de sua casa, não há cão pra me assustar, venho com a notícia de que consegui vaga para a criança numa escola pública bem perto, a dez minutos desse endereço, amanhã virei buscá-las, ela e sua mãe que apresentarei à professora, uma antiga amiga minha de colégio, quero ver os olhos da menina, ela olhará uma última vez para a mãe antes de entrar na sala cheia de tintas pra pintar? Os olhos arregalados, temerosos, a professora alisando seu cabelo para deixá-la confiante, a mãe me agradece misturando português com sua língua meio exasperada, o dia é quente, azul, eu me despeço da mulher toda de preto, os cabelos já soltos: digo que a guriazinha está bem encaminhada agora, será uma brasileira como as outras, falará o portu-

guês tão bem quanto eu que já esqueci o inglês que me tomara inteiro; digo-lhe que tenho o que festejar, que voltar pra casa é o melhor da vida; aí vejo que mancada dei falando isso à mulher asilada, digo sem querer que ela não pense muito, que vá fazendo sua vida sem olhar muito para atrás —, tchau, tchau, eu vou embora, vou pra casa que hoje ainda tenho muito o que escrever, preciso aproveitar a minha língua portuguesa que ela voltou pra mim a dada, é fato, já a dominio de novo, só sei falar por ela tudo o que me vem à mente, o inglês já está falhando novamente, ontem mesmo eu perguntei alguma coisa ao dicionário, uma palavra me escapava, era bonita —, *trustful* de confiante, passava a tê-la de novo, confiança em quê, em quem?, eu já nem sei... Em tudo, oral! Acordei com a chamada final para o vôo. Entregue o cartão de embarque à moça ruiva, corri sozinho pelo tubo que leva às aeronaves, ah!, lá dentro dava a impressão de que eu estava num país árabe ou assemelhado; sentei e, pasmem, ao lado da babinha que tinha me chamado a atenção na sala de embarque. Ficaria um tempo fazendo que não a tinha visto, tudo bem, até que ela estivesse com jeito de aquiescer ao meu sorriso e o respondesse com um outro, já desarmada agora por estar no ar, flutuando nos céus desse planeta, sem dever mais sua clausura nem para os olhos da mãe. Eu estava num avião de refugiados, mas para mim pareciam mais peregrinos que encontrariam em Porto Alegre a terra prometida, o novo reino de Alá ou de qualquer profeta menor, de alguma tribo. Ao desembarcarmos em São Paulo, vi que a menina, que na verdade nem no avião quis saber de mim, ia

agora no colo da mãe —, a cabeça curvada no ombro da mulher de lenço na cabeça. Passamos pela alfândega, polí-cia federal, por essa triagem que hoje há em todo o canto, a toda hora, em qualquer lugar, “sorria, sorria, você está sendo filmado”, esse cinismo idiota que ostentam no Brasil dentro de qualquer lavanderia de terceira classe, sei lá, sei que sentei na sala de embarque para Porto Alegre; senti que a população imigrante estava mais falante, menos ten-sa, ao menos parecia ser assim, enfim estavam em terra firme no país para onde vieram pra ficar, ah, e tudo atrasou demais, porque demoraram muito, muito mesmo vascu-lhando a bagagem dessa população de peregrinos, a minha foi num instante, vi que na deles os fiscais remexiam, apal-pavam, fisionomias solenizadas, verdadeiros canastrões à procura do tesouro terrorista cuja descoberta lhes daria uma comissão polpuda da CIA ou do raio que o patra que sou-besse suborná-los, em troca sempre dos segredos e pecados no incessante trânsito sobre a Terra; eu me sentei, preciso me sentar um pouquinho a cada meia hora, que eu ansioso esteja a caminhar de uma terra santa como era o caso agora, mesmo assim eu precisava sentar por um tempo, e, olhan-do o imediato a mim, apenas pensar se a coisa era como eu via de fato, se não estava vendo tudo deformado ou do avesso, embora ali parecesse que não, que estava definiti-vamente na estrada certa, que não havia o que temer, que uma certa paz que se procura não morde, é mansa, já che-gou; eu era outro em mim, não tinha importância —, quando chegasse a Porto Alegre iria para um curso de português

para estrangeiros no meu próprio torrão natal, isso aconte-ce nesses dias, um cidadão qualquer se impregna de uma forma tão fulminante da língua de outro povo, que tal marco traumático faz com que esqueça completamente a sua língua de nascença. Vi numas revistas americanas, se bem me lembro, o depoimento de vários cidadãos que já não fala-vam a língua materna que usavam com exclusividade até a idade adulta —, súbito, geralmente o inglês lhes arromba-va inteiramente o aparelho fonético, como se alguém fi-zesse neles a conversão para outro registro, mais útil, mais capaz para que com ele se manuseie tudo, de tudo se saia bem, sem confusão, mal-entendidos. A primeira coisa que fiz no aeroporto de Porto Alegre foi deixar a bagagem num guarda-volumes e me dirigir ao balcão de informa-ções e perguntar onde podia encontrar na cidade algum curso de português para estrangeiros. A moça me deu um cartão com o telefone do tal curso; complementando a informação num inglês softível, disse que era no centro da cidade. Perguntou em que hotel eu ficaria, respondi no Plaza São Raphael, o primeiro que me ocorreu; ah, é per-to, ela disse, bem perto do curso de português para estran-geiros. Voltei-me para um outro lado e uma fásca saltou de mim: *wake up*, desperta, meu rapaz, enfrenta as coisas como são e vá em frente, vá pra sua casa se conseguir en-contrá-la; se não, vá para um hotelzinho barato na Volun-tários, não importa o endereço, importa, sim, que coneces a rever cada canto da cidade, tentando nesse método recu-pear o português que com o calor úmido que faz deve estar escorrendo pelas paredes, muros, a sua língua-mãe

padece com o seu extravio, vai em frente, não pensa tanto, pega um táxi, lhe devolveram o dinheiro que você desembolsou para as passagens, ida e volta, ainda é uma grana razoável pra te manter por um, dois meses pelo menos, vai, vai, sim, pega o primeiro táxi, quem sabe ao sentar no carro e indicar o rumo pro motorista a língua de Drummond lhe volte à cabeça, assim, num verdadeiro *blow up*, tão de repente, que você se reconverterá de um golpe à sua realidade, ao dia-a-dia como gostas, tardes de caminhar, ir aos mesmos cafés, fazer as mesmas coisas. É isso mesmo que eu quero?, perguntei, e isso ainda é possível? com esses retirantes de roupas escuras fazendo a sua inóspita algaravia para reordenar seu caos no mundo, dessa vez aqui em Porto Alegre, nessa nova terra santa — até parece! Entrei no táxi, sabia agora que morava na área central, na Fernando Machado, não sei há quanto tempo; se é que não me enganava eu saíra muito antes do horário do voo que me levaria a São Paulo e depois Milão, Bellagio, queria conhecer o aeroporto novo da cidade, despachar as minhas coisas no *check-in* com tempo de vagar por tudo ali, pensando que talvez, confesso, eu não voltaria mais a vê-lo, esse aeroporto —, não voltaria nunca mais à minha cidade. Um certo sentimento apocalíptico tentava me incendiriar de supetão às vezes, era um gancho rasgando a minha pele do pescoço ao púbis, assim mesmo, bem de repente, e depois então a calmaria me inundava, como se eu mudasse de planeta e tivesse de conviver apenas com pedras banhadas pela luz fria da lua, só eu de humano, olhando o azul do globo de Gagarin sem nenhuma verda-

deira saudade, apenas de um e outro camarada, muito pouco para quem não conta com mais de uma vida, certo? O táxi parou em frente ao prédio que logo reconheci como sendo o meu, de fato, é aqui, falei estupefato de encontrar novamente a minha casa, menos mal, pensei, falta agora recuperar meu português, não perdem por esperar, vão ver. O zelador me cumprimenta. Eu digo *hi, hello*, ele me ajuda quieto com as malas, quinto andar; no mais, sorrisos de mutismo entre nós dois, como se reconhecessemos, sem explicação, que a hora era grave para mais... Forço a primeira chave que encontro no meu bolso; é com ela, sim, que abro e entro enfim no meu apartamento. Agradeço ao zelador, digo *grazie*, o mesmo termo com que eu agradecia ou apenas saudava os garçons, os mordomos da “Catedral” da Fundação em Bellagio. Deixo as malas no corredor que leva à sala, avanço, entro de verdade. De fato tem alguém sentado em minha poltrona —, um homem, eu não o reconheço... Mas preciso?, preciso reconhecê-lo ou apenas aceitá-lo, tentar dar curso ao encontro, eu aqui, ele a alguns passos, quem é?, quem poderia ser senão o próprio Léo de quem pensava ter me separado, é ele, sim, é o cara que eu pensava ter enterrado para sempre como parceiro e tal, é ele que aqui está agora a me esperar assim e desde sempre, o homem que se levanta da poltrona a me dizer alguma coisa numa língua estrangeira que desconheço, ou não, é o português sim que sai de sua boca e que eu, talvez perfidamente para ele, ainda não consigo compreender nem nada... Ele me abraça, eu sinto o abraço não como de nova acolhida, mas como um abraço de morte, é

mesmo assim que o sinto e grito, peço!, peço que me poupe por enquanto, ele estremece, recua, diz que sua filha dorme no meu quarto, sim, ele teve uma filha com uma norueguesa que partiu para Oslo preferindo deixar a criança com o pai; não tinha tempo de se dedicar à menina pois vivia entre Oslo, Roma e Nova Iorque. Eu me adianto até o quarto, vejo a criança ressonar suada. Então entendo, de um só golpe entendo. Passou-se bem mais tempo do que eu contava. Eu já nem lembrava. Fui para ficar um ano, sei lá, dois, o certo é que fiquei o tempo necessário para que Léo se envolvesse com a norueguesa e com ela procriasse: a menina hoje deve estar com quatro, cinco anos; troveja, agora um raio, a tempestade passa a cair repentina açoitando a vidranga, chega a trincar um vidro, Léo e eu vamos pras janelas, fechamos as venezianas, fica tudo escuro no quarto, sala, cozinha e o banheiro, falta energia, ficamos sem luz, a menina acorda, grita e chora, chama pelo pai, eu a abraço, canto uma canção, “Las mañanitas”, sim, “*Despierta, amiga mía/Mira que ya amaneció*”... Ela sossega o choro aos poucos, conta devagarinho, voz pálida, que lembra essa canção, sua mãe a cantava para despertá-la, até a véspera de voltar pra Oslo. Meu coração bate contra o seu ouvido... Será que nesse escuro ela sabe que não sou o seu pai?, que é outro o homem que a afaga e canta?, não sei, não consigo dizer nada, sou eu que agora estremeço, sou eu que começo a entender de novo o português pela voz dessa criança que acabei de acalmar em castelhano, sou eu que sinto a mão passando pelos meus cabelos, é a mão de Léo, conheço-a de cor ainda, não, não a esqueci como não

esqueci de fato o português, tudo me volta nessa escuridão aqui do meu quarto em Porto Alegre; eu é que tinha sedado a história com Léo, fui um ladrão de luvas, retirei-a da cabeça talvez numa sutil operação durante um desses sonos ferrados, só Deus sabe; da parte desse cara cuja mão descansa agora no meu ombro, da parte dele continuou vivendo a história, mesmo sem cartas, e-mails, telefonemas, isso!, esse cara a qualquer momento me esperava com a menina, Sarita! —, a mãe dela tinha vivido a infância no México, gostava dos nomes espanholados... A minha memória parece mesmo que retorna aos poucos, aos frangalhos como um soldado deve vir da guerra, espionando o que ficou do tempo, se é que ficou alguma coisa, não há problema, todos se traíram e a vida recomeça a partir de agora, será mesmo isso?, me pergunto, será que agora é só *mirar que ya amaneció?*, ah, o temporal desaba lá fora, tudo é escuro, lá fora pelo jeito o dia transformou-se em noite, Léo diz que o calor estava a pedir isso, fazia tanto!, tamanha a seca, que as rádios sem parar vinham anunciando esse dilúvio. Começo a compreender na alma onde estou, com quem estou, há quanto tempo, não faz muito eu sei, alguns minutos, devagarinho vou ganhando a lembrança do meu português, a língua sai de mim em pedacinhos, escorrega de repente, apanho-a cansado, devolvo-a à minha boca, a palavra ecoa novamente, vibra mais alto agora, o seu sentido como que sacode a cabeleira, me encolho para disfarçar esse momento, penso que logo recomeçarei a trabalhar no meu romance, onde eu estava mesmo?, me pergunto, ah, estava ainda no bosque de esquilos bem me

lembro agora, reencontrava a mulher brasileira, Maria, na natureza do *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley: não sabíamos exatamente o que fazer, como se tivéssemos esquecido o *script*, bem assim como agora no meu quarto em Porto Alegre, não sei o que pode acontecer com Sarita quando a luz voltar e ela olhar com nitidez os dois homens que esperam, ela talvez ainda pense que quem a abraça é o pai, que há outro homem ali, por certo, mas este está de pé, um amigo do pai bem pode ser; o que ela ainda não pode compreender é que o pai por trás me alisa a cabeça e um estranho alisa os cabelos dela; agora só se ouvem os trovões, um novo raio por perto, estremeçemos os três juntos... “*Good wishes in an early morning*”, era o que me contava uma venezuelana, volátil hóspede de Bellagio, sobre o significado primeiro de “*Las mañanitas*” que eu cantei todinha para a menina abraçada a mim agora... Volta a luz. Quem é?, pergunta Sarita, parece que sem trauma; eu digo em meu ainda menos que titubeante português que eu sou eu, um amigo, conto que vim no avião com uma menina que se parecia muito, muito com ela, os mesmos cabelos morenos e lisos, os mesmos olhos castanhos quase também negros, sim, você puxou a seu pai, é a cara dele, veja só esse nariz aqui, não é o dele em miniatura? Abraço-a, dou-lhe um beijo no nariz, ela volta a deitar de tanto rir, eu rio, Léo ri, temos muito pela frente, é bom rir mas não demais porque senão nos afogamos nas risadas, parece dizer o pai da menina agora apenas num sorriso. Olho-o e me pergunto seriamente se ainda é o meu cara. Em segundos percebo que ele traduziu meu pensamento.

Por alguma razão qualquer, vejo que a parceria ainda existe, que é bom não relutar, mesmo que não se saiba até quando... Agora tem essa menina aqui, é uma sobremesa. Brinca de desabotear minha camisa, parece querer dizer que eu venha para a cama junto dela para brincar de botar o travesseiro por dentro da camisa que ela volta a abotoar para que a minha pança fique assim enorme; eu digo que ela espere um pouco, que já volto; vejo que Léo saiu do quarto, desabotou de novo a camisa, tiro o travesseiro, ela reclama, digo que me espere, não demoro nada. Léo está na cozinha abrindo o forno, fala que tem um frango pro jantar. Me vê de camisa aberta, vem me lamber num dos mamilos, desce a língua até o umbigo, digo que a menina pode vir atrás de mim que prometi voltar num instante para brincar com ela, ele se afasta, fala que continua trabalhando na mesma farmácia, que se prepara para o vestibular, fará justamente o curso de farmácia... Quem é esse cara que está parecendo um garoto imberbe, agora partirá para o vestibular, nem sei se não me enganei de apartamento, de homem, de vida. Acho que não, percebo olhando minhas mãos claras, dedos longos, afirmativos, como se existissem que eu ficasse aqui, não fosse embora: era ele mesmo que você buscava; ouça essa voz em que ele conta das traquinagens da menina, da creche onde ela passa boa parte dos dias, das cantigas que aprende — não é a mesma voz que você deixou aqui, não lembra mais, não quer lembrar? Saia daqui então se tiver peito, vá para a rua, mesmo sabendo que nessa cidade cedo ou tarde acabará reconhecendo alguém que lhe dará algum suporte para a vida,

mesmo que seja esse suporte quase nada, enfim, nunca se sabe, mas o fato é que poderá ficar um bom tempo dormindo pelas praças, debaixo das marquises, sei eu lá mais onde; então saia, saia, aproveite esse branco repentino que lhe assoma agora, ponha em seu rompante de vazio a determinação de ir, tente voltar quem sabe para a “Catedral” americana, beijar as mãos da Fundação, voltar pra lá com o rabo entre as pernas, pois vá, vá, adeus, *bye, bye*... Por nada desse mundo eu partiria agora, eu não sabia bem por quê, mas havia no Léo alguma coisa que não tinha reparado antes de partir para Bellagio: ele preenchia tanto a minha vividez nas rotinas, sim, pois me sentia com certa frequência como se me faltasse qualquer detalhe apreciado num passado justo, talvez seja isso o que chamam de nostalgia intransitiva: costumava acontecer em períodos de horizontes sombrios, é verdade, e não ficava tristonho por alguma falta localizável, não, ficava assim por algo que já não sabia mais se declarar aos meus olhos pelo menos, algo vago, sem visibilidade, mas que sabe enfraquecer o usuário dessa sensação quando no exercício entre os demais. Na solidão, presume-se, pode-se conhecer quem sabe um lenitivo bem provisório para a tal doença. Só Léo ali na frente contando de Sarita, só ele podia brincar de médico, se bem quisesse, com essa minha sensação de desejo interrompido, só dele eu poderia ouvir que não era nada sério, apenas noite maldormida, ou um “vem cá, não vem?, tá bom, eu espero!”. Vinha ele geralmente primeiro com uma história, sabia contar como ninguém o que se passava a cada dia, agora tinha mais material ainda, tinha a filha, e

com ela nós os dois nos ocuparíamos: um a levaria, o outro a buscaria na creche, histórias se fariam, com a minha chegada ele queria fazer um curso pré-vestibular noturno, eu ficaria com Sarita, lhe contaria histórias fabricadas na hora, como fazia o meu pai à noite, no escuro me contava coisas macabras de outro mundo, são essas histórias as melhores, recolhia os casos do meu pai e os passava a Sarita —, mortos que voltavam como eu voltara no escuro em meio a um vendaval, beijos, carícias em mulheres de véu negro sentadas no Alto da Bronze em horas caladas; vem o herói e a acaricia, beija-lhe o véu, suspende-o: é uma caveira, isso de fato se passou com o meu pai, eu contava à Sarita que dobrava o travesseiro contra os ouvidos para não ouvir o resto do enredo; mas sei que ela ouvia, sim, deixava sempre uma fresta por onde entrava a minha voz dramatizada, ah, e depois ria, ria que ria de um certo clima para o qual nunca pensara em dar um nome, apenas ria, acho talvez que de nervoso, acho talvez por algo que lhe assediava como um mal por vir, talvez fosse isso que a fazia gargalhar feito um exorcismo que acabava por lhe dar um sono cáldo, quase milagroso, pois nem bem pusera um ponto final na minha narrativa, sem tempo até de eu lhe dar o beijo de boa-noite, assim, sem mais, seu ressonar me soprava, quase me embriagava de um sono que eu prendia, deixava no meu estoque íntimo para usá-lo mais tarde depois que Léo chegasse. Eram assim meus dias, e eu avançava no meu livro, encontrava nele caminhos insuspeitados, atalhos, trilhas abertas a machadadas, e de repente perdia o fôlego, ele, este que em mim chamavam de livro refluía exaurido

para a concha da pausa, e eu antes do descanso acabava sempre tocando com cuidado nesse seu rítiro todo em musgo e que amanhã vicejaria se eu soubesse tratá-lo como hoje. Tocava ali em seu recesso aveludado até me contá-giar de sono. Saria continuava a dormir com o pai no quarto, eu dormia no meu confortável sofá da sala, estava tudo bem assim, eu tinha um bom sono, aliás todos dormiam bem naquela casa. Em certas noites Léo vinha para o meu sofá, fechava a porta do quarto para não acordar a garota, e vinha ao meu encontro no sofá. Muitas vezes só para um abraço, nada mais que isso —, a vida se mostrava agora tão parcimoniosa que todos ali ficariam contentes se tivessem à sua espera não aquele apartamento, mas a cela de um religioso medieval, bem algo assim, uma vida que nos oferecesse apenas uma refeição diária, um copo d'água sempre que necessitássemos, um banho, a roupa lavada no fim do dia, o sono nu, de manhã novamente seca para que a usássemos. Falo de um quadro em que entraríamos sem pensar, incluindo a pequeninha, e assim continuaríamos não pedindo nada além do que o dia nos apresentasse, pouco, muito pouco para muitos, até demais para nós que talvez precisássemos de muito, muito menos, apenas esse roçar de dois corpos completos —, ereções iam e vinham com certeza, o lençol mantinha suas manchas que com o avançar do tempo não conseguiríamos tirar nem na máquina de lavar que compráramos em leves prestações... O não-querer-mais-muita-coisa fez Léo se afastar do curso pré-vestibular —, estou velho para isso, assim dizia ele sem se explicar demais. Havia naquele apartamento três vidas para pre-

servar, pouco mais que isso, e para tanto éramos ali bons operários, sem demonstrar nenhum fervor espartanado; ah, tínhamos dois, três bons amigos, amigos que eu nunca soubera ter em Porto Alegre quando vivia sozinho, encabulado se alguém do meio cultural me visse, por estar gastando à toa o meu tempo histórico, sim, estava na moda à época se falar em tempo histórico, o tempo em progresso, usado sobretudo para melhorar os dias de necessidade que corriam, até que se pudesse reviver a lenda de um reino onde folgaríamos plenamente supridos e não só daquilo que nos mantém o corpo de pé, mas também de uma humanidade novamente coesa em hordas pela selva, ou melhor, os corpos esfolados pelas quedas e espinhos bebendo de novo de um paraíso mais à frente, quem sabe além daquele rio, logo após aquela árvore — venha...! Eu e Léo porém começávamos a compreender que o desejo em demasia enfraquece, paralisa, e que o melhor mesmo era a paciência, preparar o dia seguinte sem pensar nele como um esposo que necessariamente nos dará mais do que pedimos. O que é que pedimos, hein? Antes de me responder, se é que chegaria a tanto, Léo corria para atender Sairita que chorava acordando da sesta, pobrezinha, eu dizia pela casa, como se de chuteiras de uma seleção divina, para dar-me o clima onde pudesse me fazer de atleta imbatível, o único! Assim, por uns segundos, musculava-me de dentro para fora, isso que os psicólogos dizem que se faz até uma certa idade e que eu desminto, não sou mais tão moço, mas a cada dia me surpreendo mais com o que não realçava em mim e isso me desmente também, ah, me desmente,

sim, agora, pois ainda há pouco me vi a elogiar o mínimo, menos talvez, um quase nada. Então bato no peito por três vezes, reconheço: preciso travar uma guerra ainda sem nome, quero ainda muito mais que tudo —, vem Sarita, pede-me para eu descascar uma laranja, sento à mesa da cozinha, me dou por satisfeito por cumprir essa tarefa, num relâmpago não quero mais a volúpia de sair para as ruas à procura do que se nega ao menor laivo de busca, estou aqui, dando gomo por gomo a Sarita, ela recebe os pedaços da fruta como se sorrisse, é pequena essa menina, toda morena mesmo tendo a mãe norueguesa, puxou toda ao pai, e isso me faz vê-la ainda mais do que uma filha, é como se fosse o próprio Léo pequenininho e eu o ajudasse na manutenção da vida: aquela vida ali ainda não se daria em continuidade apenas com seus próprios meios. Tudo se arruinaria antes do tempo não fosse aquela minha mão a descascar uma laranja, doá-la em pequeninos gomos para a mastigação espreguiçada da criança que acorda e que só aos poucos retoma o mexe-mexe de seu dia. Eu aqui na cozinha já sozinho, Sarita na creche, não tenho certeza de nada do que penso, tudo pode ser assim de fato, ou mais ou menos por aí, ou nada, nada disso. O certo é que o meu dia já está bem remexido com os impulsos de Sarita, já começa com esse cheiro de fruta descascada, mingau, me-leca, ranho... Mesmo assim eu sempre quero, eu posso, eu sinto, eu vejo todo o tempo, mas nesse instante não posso deixar de largar a escrita do meu livro em curso, ir para a rua, nem sei por quê ou para quê; eu saio, encontro um vizinho na portaria do prédio, a tentação que tenho é a de

ignorá-lo, não lhe responder o cumprimento, me confundir com as coisas, ser apenas mais uma entre todas, não dar um passo preciso, não ser visto, apenas flutuar num espaço que o olho humano não alcança. No entanto sorrio para o vizinho, não me darei tréguia, respondo ao cumprimento, sou um cara medianamente simpático, não mais do que medianamente para poder seguir toda a extensão do período sem maiores acidentes, aberto mas não muito, apenas o suficiente para o encontro sem seqüelas entre o que me vem à mente e aquilo que me exibem como sendo o natural de cada instante. Eu tomo o que vejo qual em colheradas de uma sopa, agora sou eu a criança indefesa, alguém me passa as ondas nutritivas sem que eu o entenda nem ao menos o veja —, sabe o que mais?, chuto uma lata só de raiva da balela com que explicam tudo, não importa, importa o trânsito entre a memória se formando e o que está prestes a ocorrer ali na bucha, parece que vivo nesse hiato, ao ocorrer a coisa ainda não a tenho o suficiente para socorrer-me em sua identidade, e depois é como se eu nunca pegasse o tempo a tempo, sempre é tarde para tanto, ele já mergulhou nas águas da memória, e aquilo que o complementará depois já estou vivendo sem saber, sempre achando que errei de capítulo, que estou fora de hora. Vou para o café no Shopping Rua da Praia, entre esses amigos com quem nunca falei tem um muito especial, me pisca o olho todo dia, acho que cumprimenta o escritor em mim, não sei, sei que olha como se me acariciasse, é isso, agora sei que é isso, que nele está a força toda de um só segundo, fecho os olhos, entro por sua boca como quis fazer com

Edwin, o músico americano, sinto que ele tem uma circulação pausada, ainda abre um sorriso para mim antes que eu desapareça dentro dele e ele saiba que não há remédio, estamos como se fadados a irmos ao café no mesmo instante diariamente, é isso que nos amplia o horizonte e é tão pouco, ele sabe enfim e eu também que hoje é o meu dia de desaparecer e me fundir a ele, amanhã será o movimento oposto, ele virá e entrará em mim por não mais do que um átimo —, as xícaras já vazias, ele abaixa a cabeça um pouco, as mãos no balcão do café, deixa que eu saia sem fazer barulho, bem discreto continuo a caminhar, pego a Praça da Alfândega, é de manhã, é de madrugada é de manhã como dizia o jovem Caetano no curso de MPB que eu dera em Berkeley, Bethânia é quem cantava bem me lembro, é de manhã, não mais de madrugada e sim manhã; sento na cadeira para engraxar os sapatos, é ainda o meu amigo que os engraxa, mora perto da praia do Lami lá no Gualba, no verão seus filhos entram pelas águas enfim limpas depois de décadas como asilo fecal, suas crianças iam loucas pelas águas nesse calor fora de época, ele conta-me embriagando até as águas do Gualba: vejo as crianças no seu vozerio, me afasto, volto para a cadeira do engraxate, sua cabeça, seus cabelos ondulados roçam entre meus joelhos pelo esforço curvado para conseguir um resultado mais do que justo pela minha gorjeta, bem mais até, é puro brilho o meu sapato, com ele serei recebido nos salões da corte novamente, lá em Bellagio, lá, para lá levei esse engraxate, sua mulher, seus filhos e com eles correi pelos jardins da “Catedral” da Fundação americana. Ah,

o seu trabalho está pronto, ele me olha e eu digo sim, é isso, está perfeito, ele que me agradece, é um cavaleiro, um outro cavaleiro que me aparece no caminho, agora já são tantos, tantos que já vivencio a harmonia das esferas; ora, peido ao descer da cadeira de trabalho do tal moço, mas é tal o rebuliço urbano em volta que ninguém ouve o cavo som dos meus eternos gases. Sei que agora tenho de buscar Sarita na creche, vou depressa antes que me atrase, corro num certo ponto do caminho, assobio junto para que ninguém pense que corro fugindo da polícia ou tentando salvar alguém de uma tragédia, agora eu canto, canto a correr pela cidade inteira, ela é só minha, minha e de Sarita, de Léo, do amigo do café, do engraxate, das mulheres que não tive, ela é de todos, por isso corro mais e mais sem conta, preciso pegar essa menina antes que ela dê pela minha falta, seria injusto fazer isso com ela, Léo está tranqüilo ao balcão de sua farmácia, todos já se esfumam tamanho o gozo, não há mais nada, só Sarita ainda me espera no pátio da creche bem sozinha, bem como queria vê-la agora. E de fato lá está ela, sozinha no pátio, corro como se fosse salvá-la da queda num abismo, agarro-a com força, puxo-a com rapidez ao colo, abraço-a, canto resfolegante a canção que ela adora, “*Quisiera ser soletico/ Para entrar por tu ventana/ Y darte los buenos dias/ Acostadito en tu cama*”. Sarita parece não estranhar o meu exagero físico, talvez porque se sinta abrigada em tal entusiasmo e mais, talvez se divirta com os movimentos dessa solicitude veementemente, como se estivesse colada a um brinquedo, uma garrgorra, um chicote, montada num cavalo de carrossel em

seu sobe-e-desce, é verdade, eu a jogava para o ar, a amparava, provocava suas risadas em cascata, aquela euforia era tudo o que nós dois precisávamos naquele minuto!, depois voltaríamos para casa e seria outro o clima, mais pacífico, Léo, ela e eu em volta de uma mesa, a brisa na janela, os dois pais dessa menina adivinhando calados que hoje parecia um dia mais do que adequado para Léo me visitar à noite no sofá da sala; jantávamos como que sentindo que as coisas andavam bem, a noite poderia ser festiva e ele ficar comigo até de manhã, quando Sarita então choramingava pedindo a proteção do pai ou então a minha, nunca se sabia o premiado da manhã, assim jantávamos, eu dizia, mas às vezes com uma presença a mais, a sombra passageira insinuando que todo aquele quadro poderia expirar a qualquer hora. Sarita estava agora ali comigo, pois é, com o seu outro pai, nem primeiro nem segundo, mas esse outro que deveria lhe passar a impressão de que tudo o que vinga na vida vem em duplo, pronto!, para recompensar a falta da mãe ela tinha dois homens de pai, o outro e este que agora a devolvia ao solo pedregoso do pátio da creche, que se afastava um pouco para olhá-la na distância, ela afogueada, é claro, pelos meus bruscos movimentos... Mais tarde desse dia, nas imediações de seu sono da noite, ela pediu na janta que a puséssemos para dormir no sofá da sala, que os dois fôssemos dormir na cama de casal do quarto; dizia que Léo roncava muito, quase a esmagava às vezes rolando com seu sono pesado —, queria agora maior liberdade para ela própria rolar, rolar como na grama, que pudesse dormir naquele bom espaço do sofá, ouvindo pra adormecer o CD

das historinhas; enquanto eu e ela estávamos ainda ali no pátio do colégio, eu a olhando de longe, assim, bem quieto, ainda não poderia adivinhar sua demanda dessa noite, apenas fui ao telefone público ali pertinho e liguei pra Léo, Léo, vou hoje aproveitar o início do horário de verão para passear um pouco mais com a menina, a gente volta pouquinho mais tarde, não vamos muito longe. Reconto a Sarita uma história: Uma menina como tu acaba de chegar aqui em Porto Alegre. Toda moreninha também, mas esta vem de longe, bem longe, lá das terras dos desertos, camelos, vais conhecê-la hoje. Muita gente de seu lar veio junto, vieram passar o resto da vida por aqui, porque lá onde eles viviam houve qualquer coisa que os obrigou a mudar para cá, parece que vulcão, tempestade de fogo, não sei mais, sei que alguns vieram comigo no avião, outros num navio atulhado de quem precisava fugir. Ah, foi uma guerra que os trouxe até aqui, foi sim, agora lembro. Todo esse povo está acampado num grande, grande terreno meio na divisa entre Sapucaia e São Leopoldo, logo lá, por enquanto em tendas até que possam ajetar as coisas, terem suas casas, seus empregos, trabalhos, como eu que escrevo meus livros, o Léo na sua farmácia. Não é distante daqui, verás que não, pegaremos esse trem urbano, em pouco tempo estaremos lá, queres ir?, ah, ela só quer, quer, sim, ver homens e mulheres alguns de vestes longas, falando línguas arreesadas, não, não são ciganos como aqueles que viste no livro que te li a história toda ontem, aquela da menina que é encontrada perdida por uma cigana e parte em caravana a viver de terra em terra, assim, sem parar, como se

não soubessem morar na mesma casa a vida inteira; esse povo que vamos conhecer espera um dia encontrar uma cozinha, quartos, uma sala como a nossa onde a chuva não alague, onde o tempero para a janta pode ficar sem fim no mesmo pote guardadinho nesse canto — sentado ao lado dela no metrô, faço com a mão um gesto apartado e arre-dondado, como um cantinho onde algo pudesse ficar em paz por todo o tempo sem precisar morrer para ali ficar quietinho. Descemos. E, de fato, em folgados passos, não mais que a dois quilômetros da estação, avistamos o vasto acampamento. Partimos pra procurar essa menina pensando que jamais a encontraríamos numa multidão assim cerrada; cachorros latiam não dando para saber se de fome ou festa, fumaça de cozidos talvez, talvez uma queimada para o lixo. Pedimos a um brigadiano licença para entrarmos no meio dessa algaravia que precisávamos encontrar uma criança para poder aprender português com essa moça aqui — o guarda sorriu para a tal moça que dava na altura do meu bolso, as crianças olhavam como sempre reservadas, os adultos falavam ansiosos diante desse visitante aqui, segurando pela mão essa criança que parecia uma das tantas que por ali tentavam brincar, permanecer pelo menos com algum conforto naquele imaginário comum que deveria ser ocupado por fantasmas — que eu e essa menina que trazia pela mão quem sabe nunca saberíamos criar: tuão de areia no deserto, solo esfarinhado aqui, pedregoso acolá, cabras, tiros de canhões bem sucateados, rios secos, bombardeios caindo de aviões possantes — tudo fugindo da guerra?, Sarita perguntou assim bem de repente, como se enfim

tivesse penetrado com fulminância na imagem conflagrada que eu cultivava, feito apertasse na mão uma semente de história. Da guerra, sempre a mesma guerra eu sem querer falei, da guerra, ela repetiu e espichou olhando para uma poça onde se viu num espelho se ondulando pelo estardalhaço de vozes e paixões em volta. Havia até galinhas ciscando por ali, sei lá como ainda vivas e não fôrrando o estômago das populações que ali esperavam a hora de terem a família sob um teto, os documentos em dia, crianças na escola, mesmo que tivessem de andar por milhas e mais milhas até chegarem à escola com gotteiras, sem entenderem no início nada do que a professora falava... Tudo em volta era feito de sons que valiam por si mesmos, a língua nova, nenhum fonema tinha serventia para se entender o que as imagens do mundo por si só não davam conta de fazer. Apenas ficar olhando em torno sem saber o que a voz fala é como deve ser um surdo-mudo, só a inteligência xueta investigando a imagem, e no mais vivendo apenas para estranhar o conteúdo misterioso da boca em movimento. Eu caminhava conduzindo Sarita por minha mão esquerda, no meu lado direito tudo atuava em franca pantomima: diante das pessoas, principalmente das crianças, o que eu dizia com os meus gestos espalhafatosos e a face em rebordosa não era muito, nem sei se comunicava mesmo alguma coisa, eu queria tão-só tentar dar um curso benévolo aos nossos passos tortuosos entre crianças, cachorros, galinhas, velhos —, afirmar que a minha visita junto da criança era só um pouco dura pra ser sonho mesmo, não chegava porém a ter nem substância clara já que vivíamos

em eterno deslocamento, em fortuita expansão por entre os acampamentos dos sobreviventes; os nossos sapatos embarrados queriam dizer que nos movimentávamos pelo mesmo terreno que eles e que isso ia passar, e eu fazia expressões doidivas que pareciam querer desbravar a ferro e foice o sentido da nossa aparição no meio daquele povo em inquietude, se é que algum sentido concludido havia —, não, não conseguiam rir com minhas micagens, nem tampouco se assustar nem nada, eu era com Sarita apenas a convicção de que ainda havia o que seguir em alguma direção, nós íamos, Sarita parecia embriagada pelo caminho que fazíamos entre gente tão diferente e com jeito reticente de quem não pode fazer o mesmo, pois estavam ali cocando-se, dando banho nas crianças, tentando preencher um tempo que não lhes dava nada em troca. Para que compreendessem de novo a eloquência de todo o movimento, eu e Sarita estávamos ali como verdadeiros voluntários, entre o cheiro azedo do suor do ajuntamento nós avançávamos, sem Cruz Vermelha nenhuma para representar, apenas com uma vontade quase obscena de se meter no meio deles de passagem, sempre de passagem, até parar quase, quase na borda norte do acampamento. Ela tinha me reconhecido, a menina do aeroporto de Milão, a menina que não quisera saber de mim colando o rosto na saia da mãe. Ela agora estava diferente: sim, me olhava, ainda sem que eu pudesse traduzir seu sentimento, certo, mas me olhava muito provavelmente porque agora eu não estava sozinho, trazia ao encontro dela outra criança, uma menina com o seu tamanho, a mesma pele, até as feições meio parecidas, ela pode-

ria agora ter confiança em mim, eu devia ser pai daquela outra ali que lhe sorria... Milagrosamente, Sarita descobria por si mesma que era aquela a menina sobre a qual eu lhe contara, a tal criança fugitiva da guerra junto a seu povo, atravessando mares, continentes e agora ali, com os pés no barro da chuva que caía à noite anterior pela cidade e arredores... Soltei a mão de Sarita, deixei-a que andasse a caminho da outra. Sarita disse oh, assim mesmo, oh, como se ainda não soubesse falar, virgem de semântica. É que ela descobria naturalmente como ensinar uma língua para um ser estrangeiro —, isso não se aprende, é puro dom, assim oh, OH!, como se estalasse o primeiro sentido da espécie, o espanto!, espanto diante do outro com o meu corpo, que podia estar aqui onde eu estou, e eu naquele espaço preciso que ela ocupa agora, oh!, é mais que espanto, ou menos, melhor, bem menos: designa a calma tentação que faz Sarita tirar do bolso um botão perdido, talvez de sua própria roupa, um grande botão vermelho cor de sangue, parecia até envernizado, brilhava de vermelho, o sol caía —, um homem ajoelhava curvando-se, todo voltado para a direção de sua Meca, outros o seguiam, ouvia-se um cântico serpenteado ao infinito, Sarita passava o botão vermelho para a mão da outra menina que olhou pra mim não bem com um sorriso, mas olhou parecendo suspirar pacificada...